ISSN 2446-5860

BOLETIM

Hortigranjeiro



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Disponível em: www.conab.gov.br
ISSN 2445-5860

Supervisão:
Candice Mello Romero Santos

Coordenação Técnica:
Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:
Aníbal Teixeira Fontes
Arthur Nascimento Paiva
Fernando Chaves Almeida Portela
Juliana Martins Torres
Newton Araújo Silva Junior
Sabrina Lima de Assis
Thaís França Silva
Yasmin Ventura Araujo

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong,Robert Owen Wahl, Capri23auto,Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 11, novembro, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento. - v.1, n.1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.

Mensal

Disponível em: www.conab.gov.br.

ISSN: 2446-5860

1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/184

SUMÁRIO

Apresentação 04
Tabelas de Preços 05
Análise das Hortaliças 06

Alface 07

Batata.....09

Cebola.....11

Cenoura 13

Tomate 15

Análise das Frutas 17

Banana 18

Laranja 20

Maçã 22

Mamão 25

Melancia 26

Mercado Internacional de Hortigranjeiros 28

Destaques das Centrais de Abastecimento 31



APRESENTAÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de novembro, o Boletim Hortigranjeiro nº 11 – Volume 12, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, São José/SC, Recife/PE, Rio Branco/AC e Fortaleza/CE, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas tem como tema o “Aumentar o consumo de frutas e hortaliças: desafios para uma agenda prioritária”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

TABELA DE PREÇOS

Em outubro/26, os preços das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos analisados apresentaram comportamento predominantemente de alta, com destaque para o tomate e cebola. Já a cenoura apresentou queda de 19,21%. Em relação às frutas, o mamão apresentou a maior alta nas cotações e a banana a maior queda na média ponderada.

Preços médios em outubro de 2026 das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Alface		Batata		Cebola		Cenoura		Tomate	
Ceasa	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set
CEAGESP - São Paulo	5,73	19,45%	3,66	-2,52%	5,62	13,56%	2,79	-20,41%	7,02	21,29%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	11,47	29,75%	2,98	-4,32%	5,56	15,88%	2,20	-16,88%	5,62	7,19%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	5,18	32,33%	1,62	-11,22%	5,60	15,64%	2,97	-20,85%	8,31	29,98%
CEASA/SP - Campinas	4,46	24,83%	4,85	2,26%	5,86	4,93%	2,99	-20,41%	8,96	9,14%
CEASA/ES - Vitória	5,11	35,37%	3,70	-9,55%	6,08	24,12%	2,98	-9,31%	7,46	29,56%
CEASA/PR - Curitiba	4,69	4,57%	4,08	-7,47%	5,93	16,76%	2,06	-32,80%	9,54	7,84%
CEASA/SC - São José	6,46	1,12%	4,54	74,15%	4,83	20,12%	3,92	-2,56%	8,04	54,04%
CEASA/PE - Recife	3,07	-17,69%	4,28	-7,63%	5,58	15,44%	3,85	-16,67%	5,75	128,13%
CEASA/CE - Fortaleza	11,66	-2,10%	9,73	18,66%	7,12	7,68%	3,20	-7,25%	6,40	56,48%
CEASA/AC - Rio Branco	10,96	-7,88%	6,03	-3,21%	6,86	4,12%	0,00	-100,00%	11,46	4,85%
Média Ponderada	**6,29**	**7,34%**	**3,40**	**-2,66%**	**5,72**	**14,10%**	**2,75**	**-19,21%**	**7,32**	**23,87%**

Preços médios em outubro de 2026 das principais frutas comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Banana		Laranja		Maçã		Mamão		Melancia	
Ceasa	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set	Preço	Out/Set
CEAGESP - São Paulo	3,72	-6,65%	2,03	-8,32%	7,68	-3,48%	5,26	31,36%	2,02	1%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	2,67	-7,19%	1,99	-0,19%	6,41	5,32%	4,89	21,58%	2,55	3%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	3,16	-10,29%	2,58	11,69%	6,48	6,79%	6,03	24,87%	2,56	-28%
CEASA/SP - Campinas	3,74	-3,76%	2,24	2,67%	8,01	5,09%	7,03	43,35%	2,34	3%
CEASA/ES - Vitória	2,88	-4,44%	2,10	18,73%	6,60	-2,54%	4,34	41,21%	2,50	0%
CEASA/PR - Curitiba	3,00	2,72%	2,65	-4,03%	6,63	2,33%	6,25	3,54%	2,43	2%
CEASA/SC - São José	3,48	-6,82%	2,59	-8,87%	5,73	32,36%	6,66	-9,31%	2,46	8%
CEASA/PE - Recife	2,03	-13,84%	1,96	9,24%	9,25	8,89%	4,10	7,29%	1,51	-20%
CEASA/CE - Fortaleza	2,52	-27,47%	2,86	6,24%	9,37	-5,75%	3,65	-1,15%	2,60	-21%
CEASA/AC - Rio Branco	1,56	-55,91%	4,78	30,58%	0,00	-100,00%	5,41	0,71%	-	-
Média Ponderada	**2,93**	**-9,92%**	**2,25**	**0,38%**	**7,20**	**0,08%**	**5,51**	**20,00%**	**2,28**	**-5,47%**

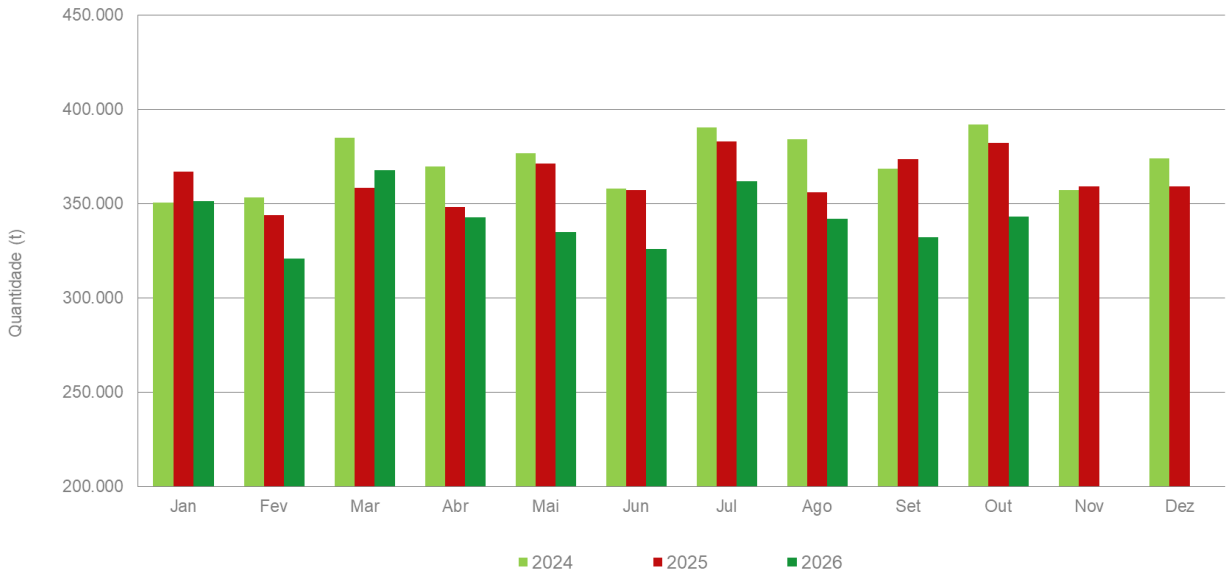
Fonte: Conab/Ceasas

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

O volume total de hortaliças comercializadas nas Ceasas analisadas neste Boletim Hortigranjeiro aumentou 3,3% em relação a setembro. Porém, na comparação com outubro de 2025, a comercialização apresentou queda de 10,2%, enquanto em relação a outubro de 2024, o recuo foi mais acentuado, alcançando 12,5%.

No acumulado do ano, também se observa redução na oferta de hortaliças em 2026, com retração de 6,0% frente ao mesmo período de 2025 e de 8,2% na comparação com 2024.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

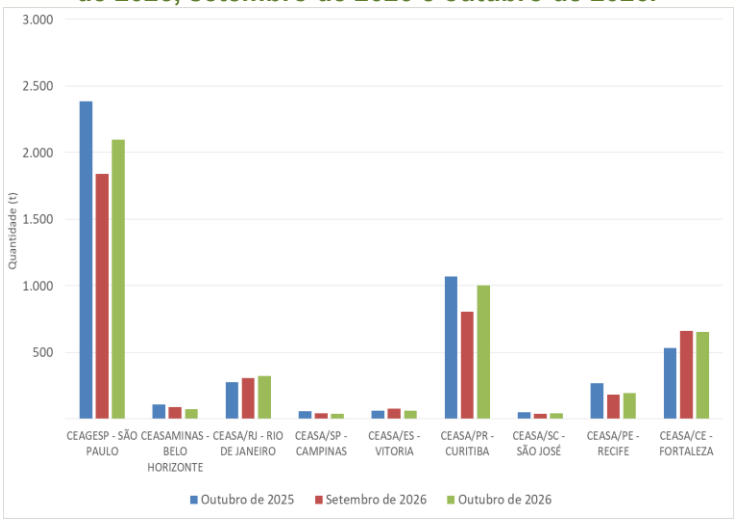
ALFACE

Novamente, a alface registrou elevação nos preços, com a média ponderada das cotações apresentando alta de 7,3% em relação a setembro. As exceções foram a Ceasa/PE – Recife, a Ceasa/AC - Rio Branco e a Ceasa/CE - Fortaleza, onde foram observadas quedas de 17,7%, 7,9% e 2,1%, respectivamente. Nas demais, as altas variaram entre 4,6% na Ceasa/PR – Curitiba e 35,4% na Ceasa/ES – Vitória. Destaque também para a elevação significativa nas Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (32,4%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (29,8%), na Ceasa/SP – Campinas (24,8%) e na Ceagesp – São Paulo (19,4%). Na capital paulista, vale ressaltar que os preços já haviam apresentado forte valorização em setembro, quando a alta alcançou 48,3%.

Com relação a outubro de 2025, os preços ponderados em outubro de 2026 ficaram 67,3% acima. Na Ceagesp – São Paulo, a mesma comparação, demonstra que o preço de outubro de 2026 foi superior em 132,9%, haja vista a alta acumulada em setembro e outubro, como mencionado.

No que se refere à comercialização, houve alta de 11% em relação a setembro. No entanto, esse movimento não foi verificado em todas as Ceasas. Em cinco delas, ocorreu aumento da oferta e nas outras quatro houve queda. Na Ceagesp – São Paulo a comercialização cresceu 14%, na Ceasa/PR – Curitiba o incremento foi de 25%, na Ceasa/SC – São José alta de 10%, na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro e na Ceasa/PE – Recife o aumento, em ambas, foi de 6%.

Gráfico 2 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.

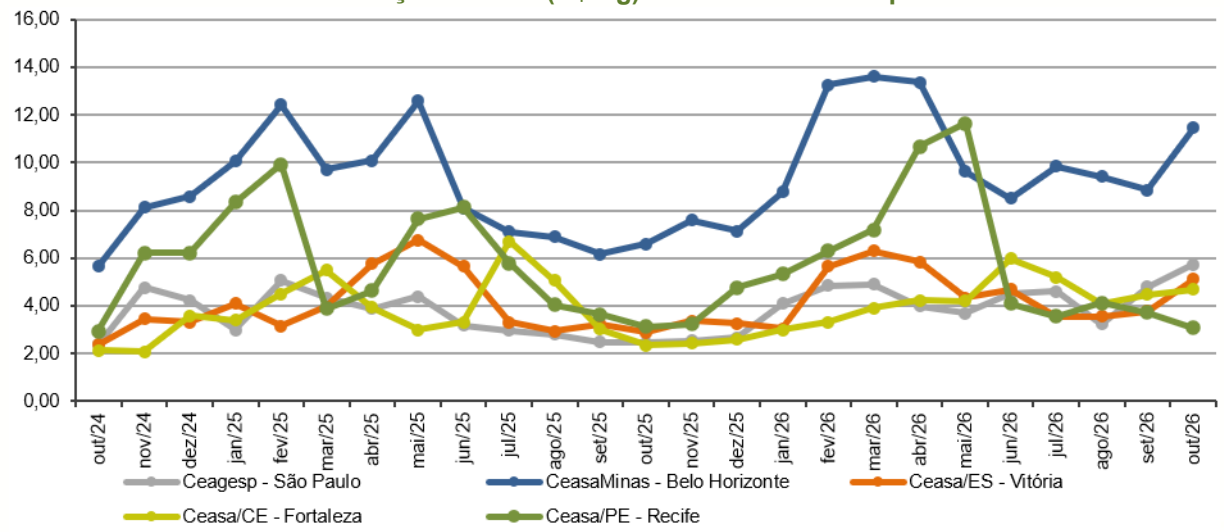


Fonte: Conab/Ceasas

Por outro lado, houve decréscimo da comercialização na Ceasa/AC – Rio Branco (-58%), na Ceasa/ES – Vitória (-19%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (-18%) e na Ceasa/SP – Campinas (-8%). Já na Ceasa/CE – Fortaleza a movimentação com alface ficou praticamente estável, com decréscimo de apenas 1%.

Contudo, mesmo com esse aumento mensal na oferta, quando se compara com o mesmo mês de 2025, verifica-se que a comercialização em outubro desse ano foi 10,2% inferior. No principal estado ofertante, houve queda anual na oferta da Ceagesp – São Paulo (-12,0%).

Gráfico 3 — Preços médios (R$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Conab

A maior movimentação da alface observada em outubro de 2025 contribuiu para a redução dos preços naquele mês nas Ceasas. Na média ponderada das Ceasas analisadas, as cotações recuaram 7,3% em relação a setembro daquele ano. Ou seja, diante das condições de mercado observadas, o volume comercializado em outubro desse ano, apesar de superior ao registrado no mês anterior, foi insuficiente para reverter a trajetória das cotações, contribuindo para a elevação dos preços.

Além disso, a ocorrência de chuvas frequentes nas principais regiões produtoras, especialmente no Sudeste e Sul do país, reduziu o ritmo das colheitas e limitou a disponibilidade do produto, o que impediu a contenção dos preços. Como consequência, a oferta permaneceu restrita e a comercialização em níveis reduzidos, conforme já mencionado, sustentando o movimento de alta.

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	2.124.929
PR	1.004.397
CE	654.360
RJ	326.666
PE	191.967
MG	79.190
ES	63.729
SC	43.861
RS	4.354
AC	320
Soma	**4.493.773**

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	1.604.706
Curitiba-PR	974.882
Ibiapaba-CE	556.000
Itapecerica da Serra-SP	271.019
Serrana-RJ	217.484
Vitória de Santo Antão-PE	191.339
Mogi das Cruzes-SP	117.377
Nova Friburgo-RJ	81.072
Baturité-CE	55.100
Santa Teresa-ES	53.323
Belo Horizonte-MG	46.537
Bragança Paulista-SP	43.989
Guarulhos-SP	41.561
Florianópolis-SC	27.439
Rio Negro-PR	26.653
Três Rios-RJ	19.650
Campinas-SP	17.849
Fortaleza-CE	15.060
Amparo-SP	14.573
Tabuleiro-SC	12.205

Fonte: Conab/Ceasas

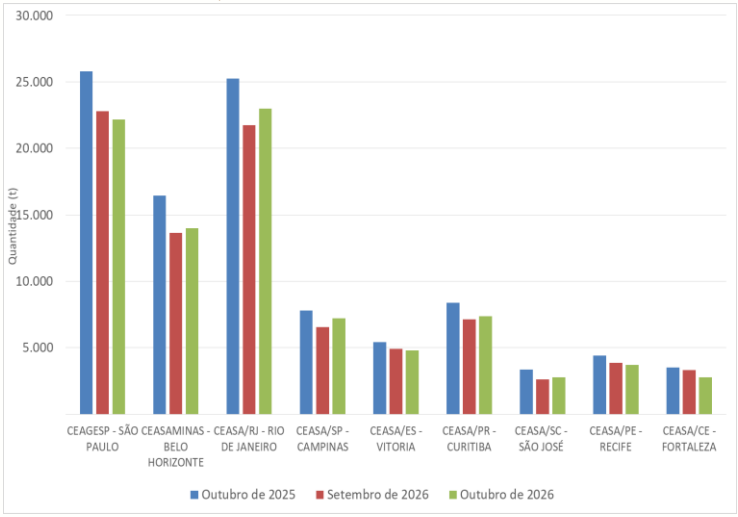
Na primeira quinzena de novembro, observa-se que os preços vêm reagindo de acordo com a oferta de cada região. Deve-se lembrar que a folhosa, em especial a alface, tem sua produção próxima aos centros consumidores e, dessa forma, a oferta, preço e demanda estão sujeitas a variáveis específicas de cada Ceasa. As chuvas constantes em determinada área produtora ao longo do mês podem influenciar o comportamento da comercialização e preço em cada centro consumidor.

Como exemplo, podem-se citar os preços da alface lisa na Ceagesp – São Paulo, que registraram queda de cerca de 15% no transcurso de novembro. De modo inverso, na CeasaMinas – Belo Horizonte, o preço da alface subiu significativamente. O preço da dúzia da alface lisa de primeira que no dia 02/11 era vendida a R$30,00, no dia 16/11 subiu para R$45,00, representando alta de 50%.

BATATA

Em outubro, os preços da batata voltaram a cair de forma moderada, interrompendo a alta pontual registrada em setembro (mês em que os valores haviam subido após quedas em julho e agosto). Na média ponderada das Ceasas, houve recuo de 2,7% em relação a setembro, com as reduções entre as centrais variando de 2,5%, na Ceagesp – São Paulo, a um declínio mais acentuado de 11,2%, na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro. Ressalta-se também, que a batata na Ceasa/ES – Vitória ficou 9,6% mais barata, em relação a setembro. Outras quedas de preço ocorreram na Ceasa/PR - Curitiba (-7,5%), na Ceasa/PE – Recife (-7,6%) e na CeasaMinas –Belo Horizonte (-4,3%). Já nas Ceasas que registraram aumento de preço, destacam-se a Ceasa/SC – São José (74,2%), a Ceasa/CE – Fortaleza (18,7%) e a Ceasa/SP – Campinas (2,3%).

Gráfico 4 — Quantidade de batata comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

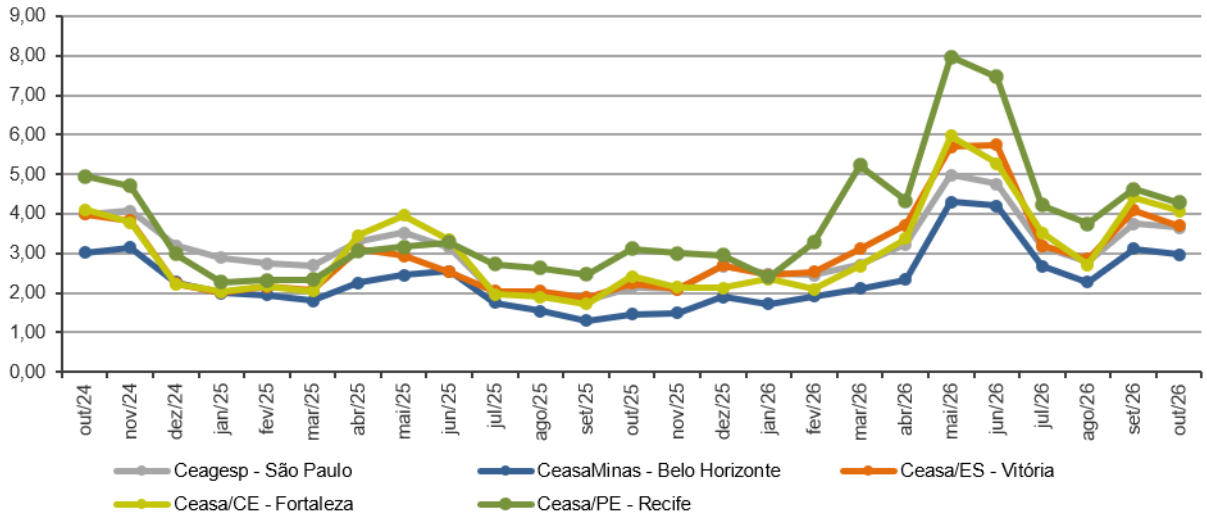
Na comparação anual, em outubro de 2026, os preços posicionaram-se bastante acima dos observados em outubro de 2025. O preço médio ponderado registrou variação nominal positiva de 83,8%. É importante destacar, que a oferta abundante em setembro e outubro de 2025, manteve os preços naquele ano em patamares baixos, o que explica o elevado percentual observado na variação anual dos preços.

Pelo lado da oferta nas Ceasas analisadas, em outubro, o volume foi superior em 2%, na comparação com setembro. Entre as Ceasas que a comercialização evoluiu, destacam-se a Ceasa/SP – Campinas (10,0%) e a Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (6,0%).

A safra de inverno continuou sendo a principal responsável pelo abastecimento do mercado em outubro, com destaque para a produção oriunda de Minas Gerais e São Paulo. Esses dois estados responderam por 77% do volume total de batata comercializado nas Ceasas analisadas, sendo 48% provenientes de Minas Gerais e 29% de São Paulo. Complementaram a oferta, os estados de Goiás (10%), Bahia (7%), Paraná (3%), para citar os principais.

Nesse contexto, destacaram-se em Minas Gerais as microrregiões Araxá, Pouso Alegre e Patos de Minas; em São Paulo, as microrregiões de São João da Boa Vista, Piedade e Avaré; em Goiás, a principal origem dos envios às Ceasa, foi a microrregião Entorno de Brasília e na Bahia, a microrregião Seabra.

Gráfico 5 — Preços médios (R$/Kg) da batata nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Conab

Também é relevante mencionar que es remessas aos mercados a partir do Paraná já tiveram um leve aumento. A contribuição do estado para a oferta total destinada às Ceasas passou de 2% em setembro para 3% em outubro.

Para novembro, espera-se ampliação da participação do Paraná no abastecimento dos mercados, em razão do avanço da colheita da safra das águas 2026/27. Nesse mês, o que vai se observar no mercado é a oferta sendo composta pelo fim da safra de inverno e pelo início da próxima safra, a das águas. À medida que a colheita da safra das águas evoluir, a região Sul tenderá a ser a principal supridora do mercado. Dessa forma, o Paraná deverá se consolidar como a principal origem do produto no abastecimento do mercado.

Quanto a safra das águas do Paraná, a Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL/ SEAB-PR mantem a previsão de queda de 5% na quantidade produzida em relação à safra 2025/26, com total esperado em 539,6 mil toneladas. A produtividade média por hectare prevista ainda é praticamente a mesma do que na safra passada, com variação negativa de apenas 0,9%.

Entretanto, essa estimativa ainda poderá sofrer alteração, devido ás condições climáticas nas áreas produtoras, com chuvas intensas e frequentes. Caso esse cenário persista, a disponibilidade de produto para o mercado poderá ser reduzida, limitando as remessas e contribuindo para sustentar as cotações em níveis elevados nos próximos meses.

Dessa forma, a persistência de chuvas frequentes nas principais regiões produtoras, prejudicando o plantio, a colheita e consequentemente, a produtividade, pode reduzir a oferta em alguns períodos, o que resultará em quedas de preços menos intensas ou até mesmo na reversão da trajetória de baixa das cotações.

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	42.565.414
SP	25.481.665
GO	9.349.575
BA	6.810.195
PR	2.432.260
SC	684.775
RS	210.325
RJ	117.450
PE	62.124
ES	46.150
RN	34.000
RO	20.475
MT	19.000
PB	10.000
Soma	**87.843.408**

Microrregião	Quantidade Kg
ARAXÁ-MG	15.650.325
São João da Boa Vista-SP	8.646.347
POUSO ALEGRE-MG	8.015.900
Entorno de Brasília-GO	6.679.575
Seabra-BA	6.632.595
PATOS DE MINAS-MG	4.827.900
Avaré-SP	3.968.175
Belo Horizonte-MG	3.159.778
Itapeva-SP	3.041.325
Itapetininga-SP	2.907.150
Varginha-MG	2.801.875
Poços de Caldas-MG	2.600.825
PIEDADE-SP	2.231.710
Santa Rita do Sapucaí-MG	2.141.650
Goiânia-GO	1.846.225
Patrocínio-MG	1.440.625
São Mateus do Sul-PR	1.112.075
Curitiba-PR	1.102.535
Campinas-SP	780.025
Mogi Mirim-SP	771.100

Fonte: Conab/Ceasas

Na primeira semana de novembro, os preços apresentaram uma leve retração. No entanto, o avanço das chuvas nas regiões produtoras, principalmente no Sul, comprometeu as atividades de colheita, parece ter reduzido a oferta de produtos, o que resultou em reajustes de preços. Por exemplo, na Ceagesp – São Paulo, o preço da batata lavada especial que estava no dia 04/11 a R$3,94 o quilo, no dia 11/11 subiu para R$4,18 e na última cotação no dia 16/11 a batata estava sendo vendida a R$4,64 o quilo.

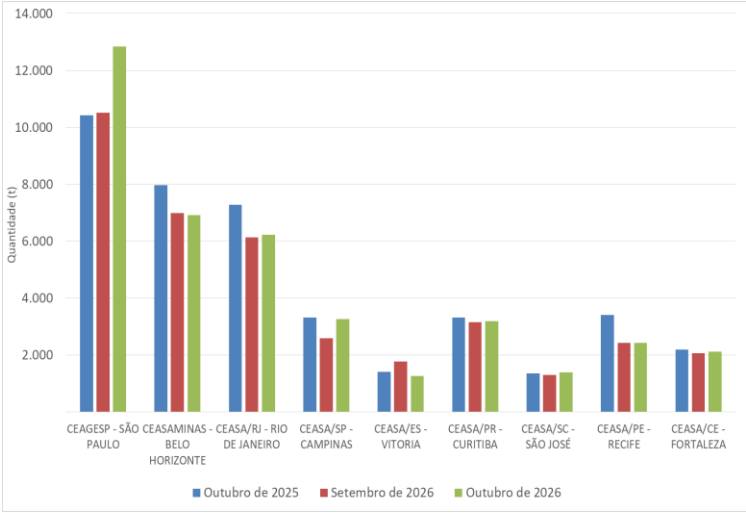
A expectativa é de que esse comportamento se mantenha até o final do ano e no início de 2027, com oscilações frequentes nas cotações. Em períodos de menor ocorrência de chuvas, a oferta pode aumentar e favorecer a queda dos preços. Já em momentos de precipitações mais intensas, como previsto, os impactos sobre a produção e a colheita tendem a restringir a oferta, elevando os preços praticados nas Ceasas.

CEBOLA

Os preços da cebola apresentaram alta em todas as Ceasas analisadas em outubro. Na média ponderada dos entrepostos, as cotações registraram aumento de 14,1% em relação a setembro, com variações entre 4,1% na Ceasa/AC – Rio Branco a 24,1% na Ceasa/ES – Vitória. Nas demais Ceasas, o aumento ficou próximo aos 15%, com destaque para a Ceasa/PE – Recife (15,4%), na Ceasa/PR – Curitiba (16,8%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (15,9%) e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (15,6%). Na Ceagesp – São Paulo, o aumento de preço foi de 13,6%. Esse comportamento de alta das cotações em outubro, marca a continuidade da tendência ascendente do preço desde março. Durante esse período, somente ocorreu queda de preço em agosto, o que não influenciou nos patamares do preço da cebola.

Pelo lado da oferta, o volume comercializado em outubro foi 7% superior ao registrado em setembro. Na maioria das Ceasas, a comercialização apresentou aumento, exceto na Ceasas/ES – Vitória (-29%). Na CeasaMinas – Belo Horizonte e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, a comercialização ficou praticamente estável; na primeira queda de 1% e na segunda aumento de apenas 2%. Verificou-se variação positiva significativa da comercialização em São Paulo: no entreposto da capital, a alta foi de 22%, enquanto na Ceasa de Campinas alcançou 26%. Essa maior oferta não foi capaz de conter os preços, tanto é que em todas as Ceasas analisadas o preço aumentou em termos de média mensal.

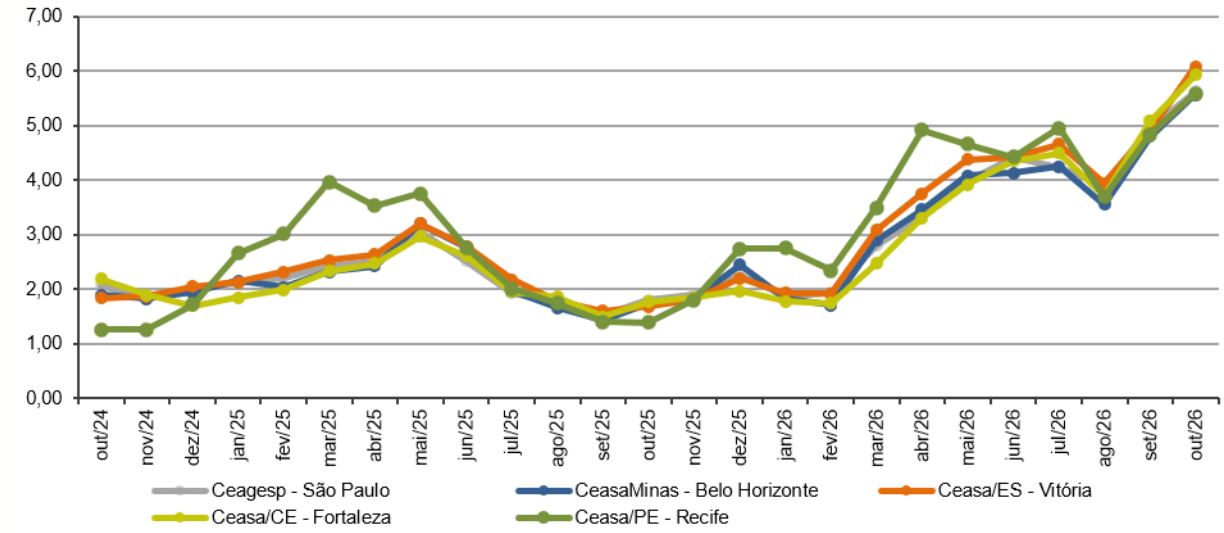
Gráfico 6 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

O que se pode deduzir que esse aumento foi em função da trajetória do preço e oferta ao longo de outubro. Em quase todas as Ceasas, os valores começaram o mês nos mesmos níveis de setembro, em algumas um pouco abaixo, reagindo à maior oferta. Na segunda quinzena, porém, com a ocorrência de chuvas os envios de cebola a partir de Minas Gerais e Goiás, diminuem, o que pressionou os preços para cima. Como exemplo, pode-se citar os preços na CeasaMinas – Belo Horizonte, onde as cotações terminam setembro a R$4,50 o quilo, no início de outubro ficaram entre R$4,50/R$5,00, para depois reagir para R$6,50 (dia 12/11) e encerraram o mês em patamar superior ao do início, a R$ 6,00 o quilo.

Gráfico 7 — Preços médios (R$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Em outubro, Minas Gerais e São Paulo ainda comandaram o abastecimento, com 25% e 22% de participação, respectivamente. Logo em seguida, Goiás teve representatividade de 18% e Santa Catarina com 12%, Bahia e Pernambuco, em conjunto, com representatividade de 11%, para citar os principais estados ofertantes. A cebola importada começou a aparecer mais frequente no mercado, diferentemente dos dois anos anteriores. Ou seja, esse ano com os preços em ascensão e em patamares elevados em outubro, existiu a viabilidade da entrada da cebola no país, para cobrir parte da lacuna deixada pela oferta nacional.

Para novembro a participação da região sul no abastecimento nacional tende a aumentar, com a entrada no mercado da safra catarinense 2026/27. Essa representatividade costuma crescer gradualmente no fim e no começo do ano. Pelo menos, nos primeiros cinco meses do ano, o Sul normalmente responde com cerca de 70% do total comercializado nas Ceasas. Todavia, em razão das chuvas intensas e frequentes que vêm ocorrendo na região Sul, especialmente em Santa Catarina, as perspectivas de produção e oferta são inferiores às observadas na safra 2025/26. Em Santa Catarina, de acordo com a Epagri/Cepa – SC, embora as condições das lavouras sejam consideradas boas, a projeção, mantida em relação ao boletim anterior, aponta para uma redução de 21% na produção, resultado da combinação entre a menor área cultivada (-14,6%) e a redução da produtividade (-7,4%).

Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	9.851.846
SP	8.761.730
GO	6.991.560
SC	4.835.559
BA	2.350.660
IMP	2.184.780
PE	2.061.420
PR	903.420
RN	880.000
RS	345.700
RJ	256.960
CE	158.000
PB	61.660
DF	26.000
ES	22.540
RO	4.000
Soma	**39.695.835**

Microrregião	Quantidade Kg
Entorno de Brasília-GO	5.075.160
ARAXÁ-MG	4.392.736
São João da Boa Vista-SP	2.950.850
Ituporanga-SC	2.926.020
PATOS DE MINAS-MG	2.808.670
IMPORTADOS-IMPORTADOS	2.184.780
PETROLINA-PE	2.007.420
Jaboticabal-SP	1.837.960
PIEDADE-SP	1.290.500
JUAZEIRO-BA	1.121.480
SÃO PAULO-SP	1.024.100
Goiânia-GO	989.200
Irecê-BA	941.180
UBERLÂNDIA-MG	883.100
Mossoró-RN	880.000
Tabuleiro-SC	672.239
Campinas-SP	653.740
Batatais-SP	580.300
Joaçaba-SC	540.000
Curitiba-PR	451.760

Fonte: Conab/Ceasas

Ao que tudo indica, na primeira quinzena de novembro, a oferta de cebola seguiu restrita, contribuindo para novas elevações de preço. O cenário de chuvas intensas e frequentes nas principais regiões produtoras continua dificultando as atividades de colheita e afetando a disponibilidade do produto, com reflexos diretos sobre os preços. Além disso, a safra goiana encontra-se em fase final de colheita e comercialização. No Sudeste, o cenário das produções em Minas Gerais e São Paulo, também provoca pressão sobre os preços.

Como exemplo, na CeasaMinas – Belo Horizonte, a cebola amarela goiana que começou o mês sendo vendida a R$ 6,00 o quilo, no dia 16/11, última cotação, estava a R$ 8,50, portanto, aumento de 41,7%. Nesse mesmo intervalo, a cebola amarela mineira apresentou aumento de 33,3%, variando de R$6,00 o quilo para R$8,00.

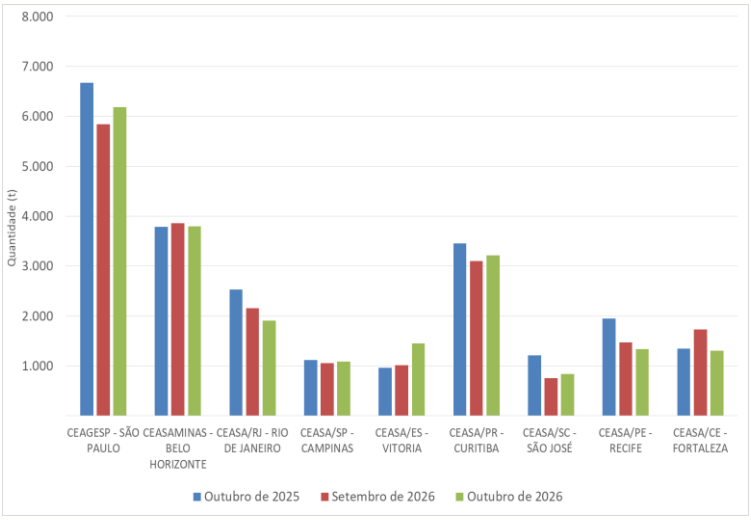
CENOURA

Em outubro, observou-se nova queda nos preços da cenoura, dando continuidade ao movimento de desvalorização iniciado em junho/julho. No mês em análise, o preço médio ponderado entre as Ceasas registrou redução de 19,21%. As variações ficaram entre 2,6% na Ceasa/SC – São José e 32,8% na Ceasa/PR – Curitiba.

Na sua maioria, as reduções podem ser consideradas expressivas, com percentuais próximos de 20% em várias Ceasas, como na Ceagesp – São Paulo (-20,4%), na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-20,9%), na Ceasa/SP – Campinas (-20,4%). Na CeasaMinas – Belo Horizonte e na Ceasa/PE – Recife, os percentuais de queda foram de 16,9% e 16,7%, pela ordem.

Pelo lado da oferta, observaram-se quantitativos estáveis ao registrado em setembro. Mesmo assim, ela foi suficiente para provocar a continuação da queda de preço. Os níveis de oferta atuais vêm atendendo a demanda, diante das condições de mercado. É preciso citar que a comercialização em relação ao ano passado está 8,7% inferior. Em 2025, a oferta também manteve os preços em níveis baixos, performance que perdurou durante quase todo o ano, apenas com pequenos aumentos e declives.

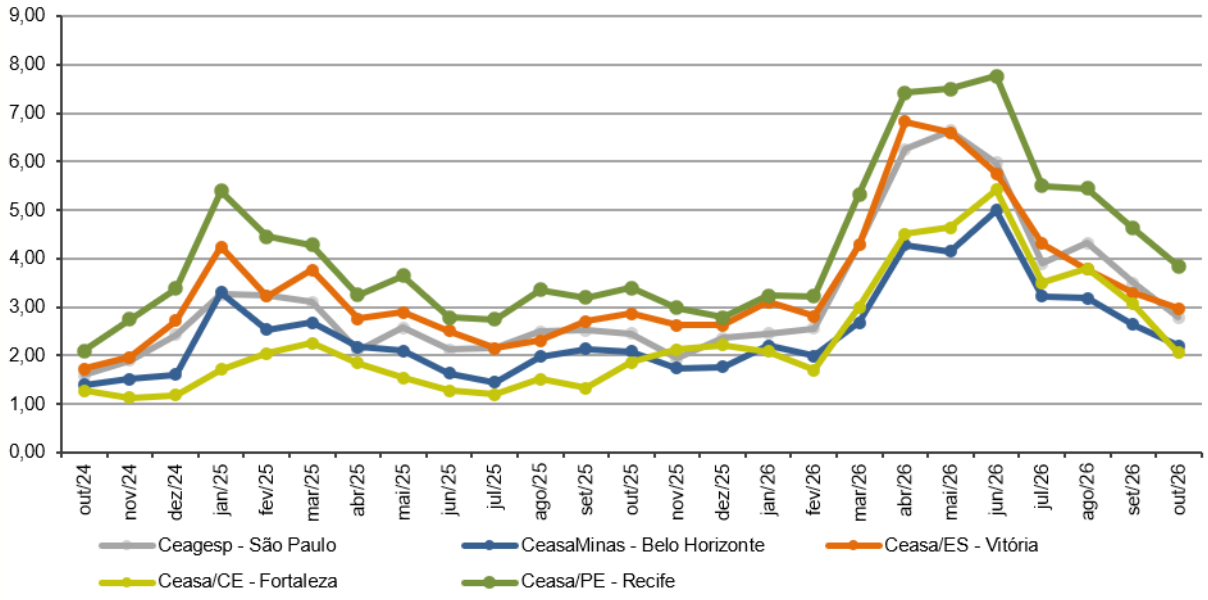
Gráfico 08 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Em 2026, as chuvas no transcorrer do plantio, causaram atraso na safra de inverno, sendo que essa safra deve estar alcançando o pico em novembro. Deve-se levar em consideração que as constantes chuvas também prejudicam a qualidade da raiz, fator que exerce pressão de baixa dos preços.

Gráfico 09 — Preços médios (R$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Conab

Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	8.298.943
SP	6.869.576
PR	2.920.127
BA	1.368.300
SC	769.566
RJ	356.840
GO	279.800
ES	89.181
RS	79.600
PE	49.737
CE	28.200
IMP	2.300
Soma	**21.112.170**

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	4.883.440
PATOS DE MINAS-MG	4.728.431
Curitiba-PR	2.344.130
ARAXÁ-MG	1.400.908
São João da Boa Vista-SP	1.162.242
Barbacena-MG	1.089.000
Irecê-BA	1.039.300
Itapecerica da Serra-SP	665.568
Rio Negro-PR	551.977
Santa Rita do Sapucaí-MG	408.920
Uberaba-MG	361.164
Serrana-RJ	337.340
Entorno de Brasília-GO	279.800
Florianópolis-SC	264.998
Seabra-BA	261.000
Canoinhas-SC	196.720
Tabuleiro-SC	137.908
Curitibanos-SC	129.240
POUSO ALEGRE-MG	111.480
Santa Teresa-ES	89.181

Fonte: Conab/Ceasas

Minas Gerais manteve-se, em outubro, como o principal estado fornecedor para as Ceasas analisadas, respondendo por 39% do volume total comercializado. Em seguida, destacou-se São Paulo, com participação de 33%. Paraná teve participação de 14% e Bahia de 6%, para citar os principais.

Os preços na primeira quinzena de novembro continuaram em queda na maioria das Ceasas, com a oferta mantendo-se firme e delineando esse cenário No entanto, é necessário destacar que chuvas intensas e frequentes nas áreas do Sudeste, do Sul, como também do Centro-Oeste, podem prejudicar os envios aos mercados, resultando, dessa forma, em oferta reduzida, com consequente alta de preço. É o que pode estar acontecendo na CeasaMinas – Belo Horizonte, onde a cenoura extra A que era vendida no início do mês a R$2,00 o quilo, em 16/11, passou para R$2,50, portanto, aumento de 25%.

TOMATE

BOLETIM Hortigranjeiro

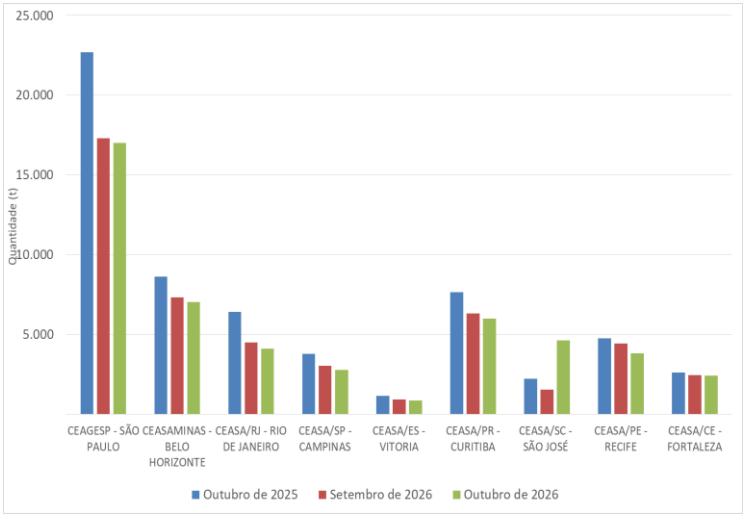
Altas significativas nos preços do tomate vêm sendo observadas no mercado desde agosto, quando o preço médio ponderado entre as Ceasas variou positivamente 18,1%. Naquele mês, algumas elevações expressivas já vinham sendo registradas, como na Ceagesp – São Paulo (+38,6%).

Em setembro, o movimento de alta se intensificou, levando o preço médio ponderado a alcançar 46,9%. Os maiores aumentos foram observados na CeasaMinas, em Contagem, (+71,5%), e na Ceasa/RJ, no Rio de Janeiro (+63,9%).

Em outubro, os preços permaneceram em trajetória ascendente. O preço médio ponderado variou 23,9%. Destaque para o aumento de preço na Ceasa/PE – Recife (+128,1%). Nas demais Ceasas que fazem parte deste Boletim Hortigranjeiro, a variação ficou entre 4,9% em Rio Branco/AC e 30,0% na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro. Relevante também foi a alta na Ceasa/ES – Vitória (+29,6%) e na Ceagesp – São Paulo (+21,3%).

Na comparação anual, outubro de 2026 frente ao mesmo mês de 2025, a alta do preço ponderado atingiu 102,2%. Em todas as Ceasas, os percentuais anuais foram expressivos, como na Ceasa/ES – Vitória (+170,3%), na Ceasa/PE – Recife (+152,2%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (+112,9%) e na Ceagesp – São Paulo (108,3%), para citar algumas.

Gráfico 10 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.

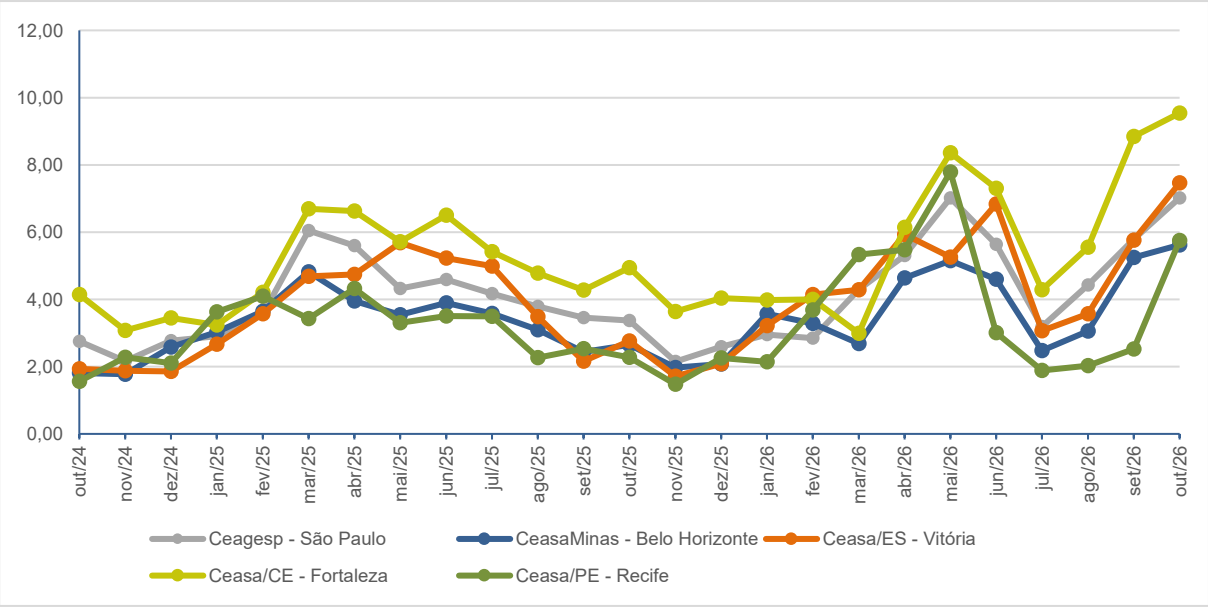


Fonte: Conab/Ceasas

O cenário do movimento de alta do preço está relacionado com as quantidades comercializadas nos mercados. Na relação mensal, a oferta aumentou apenas 2% e na anual a movimentação do fruto teve queda de 18,9%, com destaque para a menor comercialização na Ceagesp – São Paulo, cujo recuo atingiu 25,1%, o que se presume que a oferta esse ano não foi suficiente para conter os preços.

É importante destacar que o comportamento das cotações ao longo deste ano demonstra a volatilidade do preço do tomate, caracterizado por ser uma das hortaliças com maior variação de valor em períodos curtos.

Gráfico 11 — Preços médios (R$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Conab

Deve-se, frisar que, no primeiro semestre, o preço do tomate apresentou movimento ascendente até abril, iniciando em seguida uma trajetória de queda que perdurou até julho, com oferta mais que suficiente para atender à demanda, tanto que a cotação de julho foi a mais baixa do ano. A elevada disponibilidade registrada em junho e julho foi suficiente para se refletir nos preços ponderados, com quedas de 15,9% e 39,0% respectivamente. Ou seja, o quadro atual também é reflexo da oferta no período citado e contribuiu para preços bastante deprimidos naquele momento.

Já em setembro e outubro, as chuvas frequentes e muitas vezes volumosas, principalmente no Sudeste e Sul não apenas reduziram o ritmo de colheita, como também retardaram o processo de maturação dos frutos, resultando em menores volumes disponíveis para envio aos mercados. O aparecimento de tomates completamente verdes, no intuito de se atender a demanda, contribuiu para recompor a oferta no curto prazo, porém essa prática tende a reduzir a disponibilidade futura do produto, uma vez que parte dos frutos que seria comercializada nas semanas seguintes foi antecipada.

Finalizando, é importante ressaltar que a atuação de um forte El Niño vem provocando condições climáticas distintas entre as regiões produtoras. Esse quadro que vem afetando a oferta de tomate, com diminuição do ritmo de colheita e da produção, também eleva os custos operacionais e as perdas no campo. A oferta poderá continuar a ser insuficiente para conter as cotações colocando os preços em patamares ainda mais elevados. Com a proximidade do verão, as temperaturas mais elevadas influenciam no tempo de maturação do fruto, ocasionando elevação da oferta. Dessa forma, esse cenário de alta sofreria reversão, porém mantendo os preços, provavelmente, em níveis ainda elevados num primeiro momento.

Novamente, destaca-se a elevada volatilidade característica dos preços do tomate. Em outubro, na CeasaMinas, em Contagem, a cotação mais baixa foi registrada em 5 de outubro, quando o produto foi comercializado a R$ 4,50/kg. Apenas 21 dias depois, em 26 de outubro, o preço atingiu R$ 12,00/kg, o maior valor do mês, representando significativa alta de 166,7% no período. Em sentido contrário, em um cenário de queda de preço na mesma Ceasa, observou-se em junho o preço mais alto no dia 12/06, alcançando R$ 8,50 o quilo. Após dezenove dias, no dia 01/11, o preço recuou para R$2,50, o que representa variação negativa de 70,6%.

Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	14.200.147
MG	14.186.399
PE	3.619.585
PR	3.476.404
GO	3.435.566
RJ	2.825.970
CE	2.286.175
ES	1.582.249
SC	1.519.054
BA	1.114.582
IMP	246.680
PB	102.743
DF	22.194
RN	18.149
RS	5.480
MS	5.000
Soma	**48.646.377**

Microrregião	Quantidade Kg
Oliveira-MG	3.711.357
SÃO PAULO-SP	3.487.484
Capão Bonito-SP	2.905.131
Vassouras-RJ	1.874.622
Ibiapaba-CE	1.873.225
Cerro Azul-PR	1.859.202
Mogi Mirim-SP	1.814.573
Goiânia-GO	1.768.987
Sete Lagoas-MG	1.724.964
Brejo Pernambucano-PE	1.612.033
Santa Rita do Sapucaí-MG	1.590.775
Vale do Ipojuca-PE	1.576.959
Campinas-SP	1.377.047
Entorno de Brasília-GO	1.186.141
OSASCO-SP	1.017.144
São Sebastião do Paraíso-MG	987.880
Caratinga-MG	970.120
Tabuleiro-SC	934.202
PIEDADE-SP	825.228
Curitiba-PR	689.001

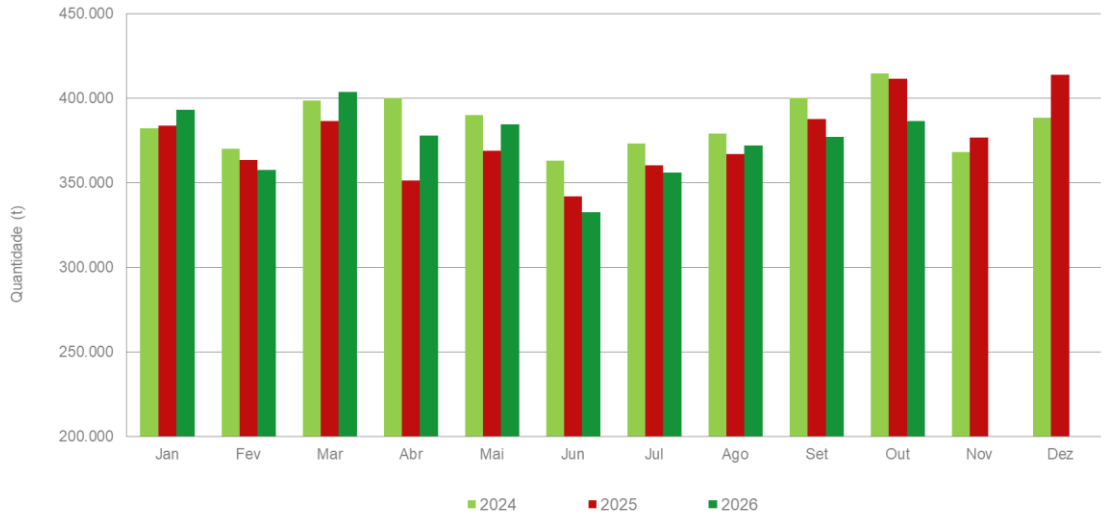
Fonte: Conab/Ceasas

Ainda não existe definição na tendência dos preços do tomate para a primeira quinzena de novembro, mas, na maioria das Ceasas, a variação foi pequena. Por exemplo, na CeasaMinas – Contagem, o italiano extra AA do final de outubro para o dia 16/11 subiu 8,0%, na Ceasa/SP – Campinas, o tomate italiano no mesmo intervalo aumentou 3,8% e, na Ceasa/PE – Recife do dia 04/11 para o dia 17/11, variou negativamente, para 9,5%. Em novembro os preços continuam em patamares elevados. Com temperaturas mais altas, a maturação acelera com a consequente aumento da oferta, pressionando os preços para baixo. Por outro lado, chuvas pontuais nas áreas produtoras podem dificultar a colheita e reduzir a oferta.

ANÁLISE DAS FRUTAS

No mês de outubro de 2026, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas analisadas apresentou queda de 2,5% em relação ao mês anterior, queda de 6% em relação ao mesmo mês de 2025 e elevação de 0,5% em face aos primeiros dez meses de 2025. Em relação a outubro de 2024, ocorreu queda de 6,8%. Para o resultado observado, foram preponderantes, além do aumento da comercialização de manga, a queda da comercialização de banana, no valor de 6%. No mercado do mamão, foi registrada queda de 8%, principalmente por causa do menor volume de papaya comercializado. No mercado de maçã, em decorrência do consumo dos estoques, ocorreu queda de 2% na oferta. O mercado de laranja também teve variação negativa de 2% em face ao mês anterior. Já no mercado de melancia ocorreu alta de 15%, por causa do aumento da colheita em outras regiões, compensando a queda Goiás.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

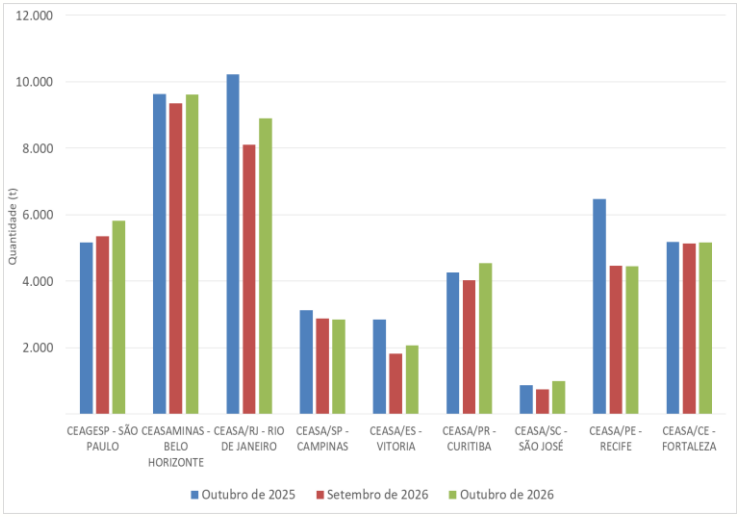
BANANA

Em outubro, para o mercado da banana, as cotações caíram 9,92% na média ponderada, com queda em todas as Ceasas. Destaque para os descensos na Ceasa/AC – Rio Branco (-55,91%), Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-15,69%) e Ceasa/PE – Recife (-13,84%). Já a quantidade comercializada caiu 6% na média nas centrais de abastecimento, com destaque para a Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-10%), Ceasa/ES – Vitória (13%) e Ceasa/SC – São José (33%).

No mês de outubro, a queda dos preços e da quantidade comercializada nas Ceasas teve relação direta tanto com a qualidade quanto com a demanda pela fruta, além da influência da oferta regional e condições sazonais, climáticas e de produção diferentes entre as regiões que afetaram os fluxos de comercialização.

O registro mensal foi marcado pela elevação da oferta oriunda de São Paulo (8,5%) e Santa Catarina (15,4%), além de queda em Pernambuco (-2%), Ceará (-14,5%), Espírito Santo (-6,7%), Bahia (-31,6%) e Minas Gerais (-5,9%). No Rio de Janeiro, após passagem do aumento da oferta local no mês anterior, ocorreu queda de 78,4% no mês em análise da comercialização de banana originária do estado.

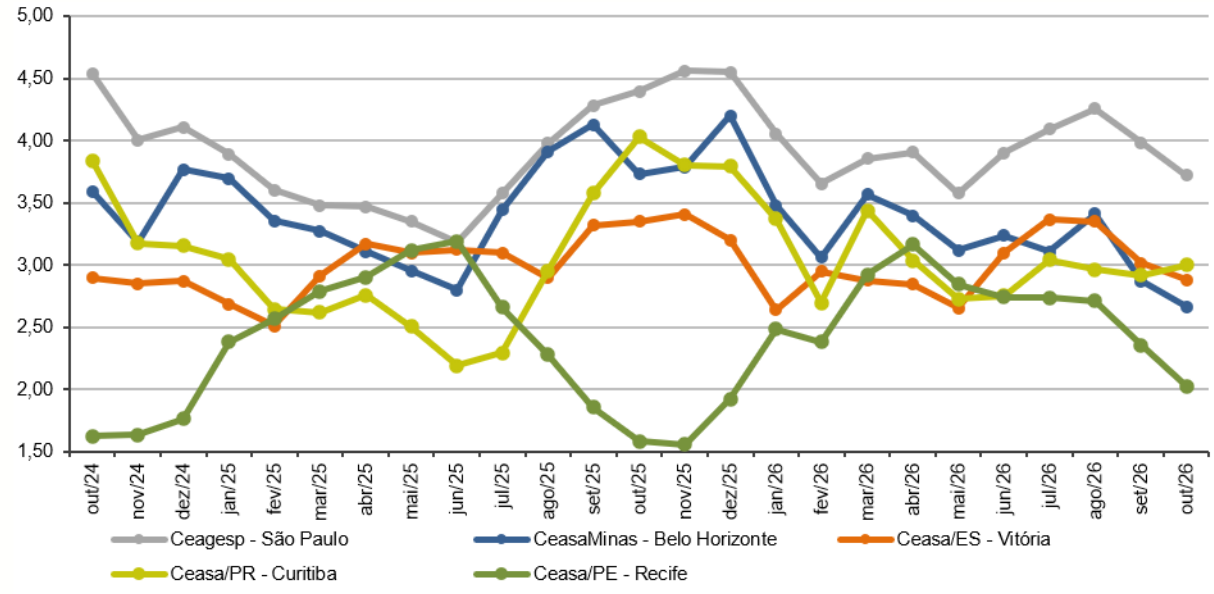
Gráfico 13 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Em São Paulo, ocorreu pequena elevação da oferta, notadamente da banana nanica. Já em Santa Catarina, outra conhecida região produtora dessa variedade bastante exportada para o Mercosul, por causa da queda da demanda na segunda quinzena do mês e do aumento da oferta mensal, os preços caíram na localidade. No norte mineiro, a oferta também diminuiu e chegou a pressionar as cotações no sentido de maior alta na primeira quinzena do mês, pois com a queda da demanda na segunda quinzena, as cotações se estabilizaram.

Gráfico 14 — Preços médios (R$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Conab

Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	18.121.710
CE	5.347.816
SP	4.936.208
PE	4.247.716
ES	4.079.757
SC	3.632.024
BA	1.339.186
PR	1.297.766
RJ	657.080
RN	596.720
AC	573.315
GO	82.600
PB	41.979
MS	18.000
AM	5.850
RO	5.600
RS	1.920
AL	1.000
Soma	**44.986.247**

Microrregião	Quantidade Kg
Janaúba-MG	10.247.992
Registro-SP	3.440.864
Mata Setentrional Pernambucana-PE	2.896.923
Baixo Jaguaribe-CE	2.631.341
Baturité-CE	2.392.525
Joinville-SC	1.946.826
Itabira-MG	1.403.189
Linhares-ES	1.254.410
Paranaguá-PR	1.209.444
Blumenau-SC	966.986
Belo Horizonte-MG	958.046
Januária-MG	956.494
Médio Capibaribe-PE	799.367
Araçuaí-MG	749.835
Curvelo-MG	701.561
Santa Teresa-ES	673.707
Vitória-ES	651.247
AFONSO CLÁUDIO-ES	589.735
GUARAPARI-ES	556.060
Vale do Açu-RN	537.116

Fonte: Conab/Ceasas

No que diz respeito ao atacado, sinteticamente, as Ceasas operaram estáveis na maior parte do mês, já que mesmo com a oferta estável ou contida, os consumidores mostraram resistência a absorver preços mais elevados, além de ter havido concorrência com outras frutas da estação. Diga-se de passagem que, na média dos preços e na maior parte do ano, as cotações da variedade nanica tenderam a ser menores do que aqueles da variedade prata.

Já a oferta da banana prata registrou estabilidade ou caiu em diversas regiões produtoras relevantes do Sudeste (em percentuais menores em relação à banana nanica), como o norte mineiro em parte do mês, a principal região fornecedora da variedade às Ceasas. Nessa região, a oferta seguiu estável ou com leve queda durante o mês, e sofreu queda das cotações por causa da diminuição da demanda na segunda quinzena (seja por causa da queda do poder aquisitivo, seja por causa da concorrência com outras regiões produtoras), o que acabou por refletir em algumas Ceasas do Sudeste. No Ceará, após o pico da safra local e dos efeitos do fenômeno *El Ninõ* na cultura, grande queda aconteceu na comercialização da banana cearense. Já a banana prata do centro-oeste baiano começou a sofrer restrição de oferta; isso provocou aumento de preços em uma região em que os produtores, há alguns meses, estavam sofrendo com os baixos preços, inclusive demandando ajuda do Governo Federal pra solucionar o problema.

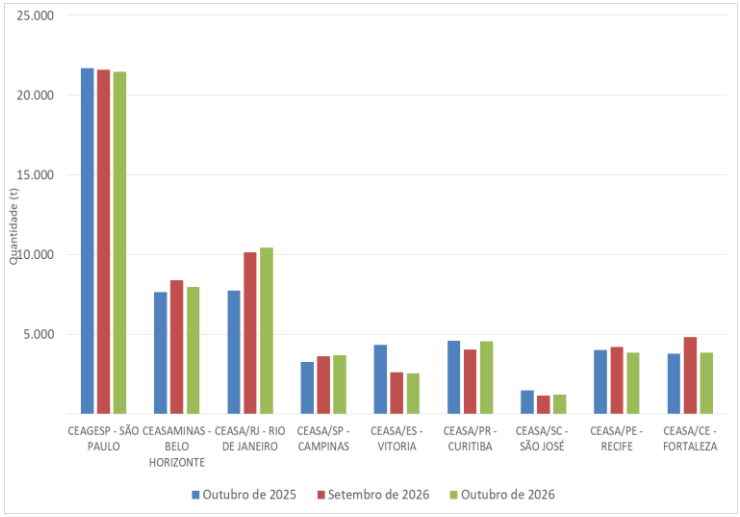
LARANJA

O mercado de laranja apresentou em outubro, estabilidade na média ponderada (alta de 0,38%); destaque para a elevação na Ceasa/AC – Rio Branco (30,58%), Ceasa/RJ –Rio de Janeiro (11,69%) e Ceasa/ES – Vitória (18,73%), além de queda na Ceagesp – São Paulo (-8,32%). Quanto à comercialização, a análise dos dados mostrou oscilação entre as Ceasas, mas com pequena queda no volume fornecido a essas instituições. Destaque para a elevação na Ceasa/PR – Curitiba (13%) e queda na Ceasa/PE – Recife (-9%), Ceasa/CE – Fortaleza (-20%) e Ceasa/AC – Rio Branco (-71%).

Em relação ao mês anterior, o fornecimento de frutas aos entrepostos atacadistas cresceu 1,72% no cinturão citrícola e no Rio Grande do Sul (13%), mas caiu na Bahia (-35,2%), Sergipe (-7,6%) e Rio de Janeiro (-11,5%), além de ter ficado estável no Paraná.

O mercado atacadista de laranja, por mais um mês, permaneceu com oscilações no que diz respeito às variações de preços. Essa dinâmica tem a ver com características de mercados locais, mercado internacional e as negociações para o fornecimento das frutas pelos produtores e cooperativas.

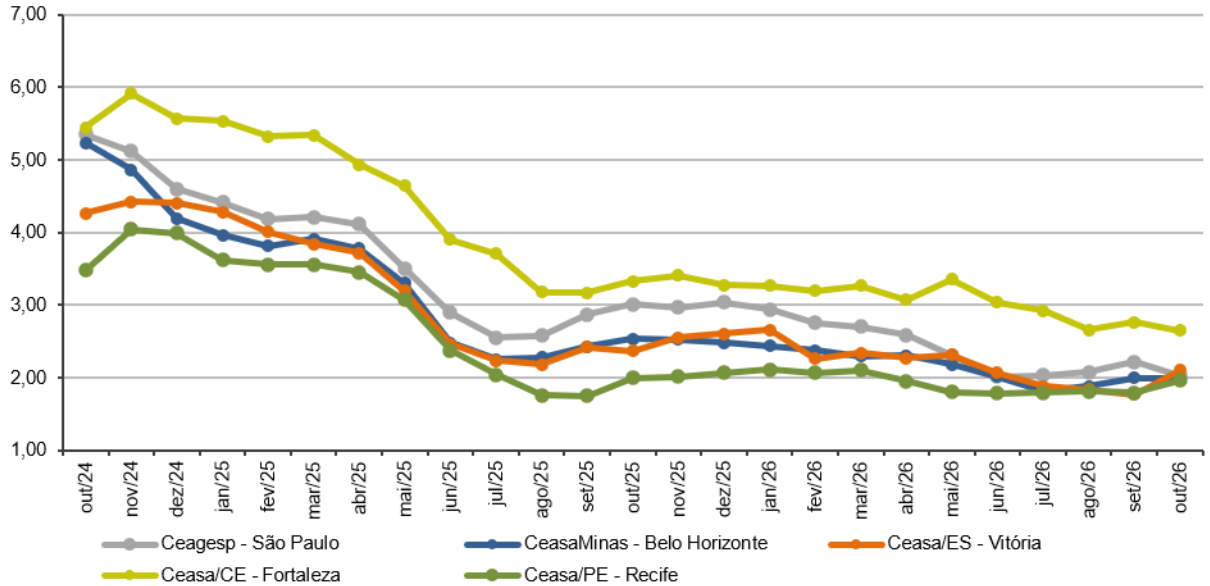
Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

A indústria paulista continuou a moagem priorizando os contratos que já tinham sido firmados com produtores e cooperativas, evitando compras no mercado à vista. Isso ocorreu devido à projeção da menor demanda externa por suco concentrado e congelado (FCOJ), notadamente da União Europeia, e do rendimento mais baixo da fruta por causa das chuvas nos meses anteriores, priorizando a produção de suco não concentrado. Com isso, produtores operaram com margens muito baixas, inclusive abaixo dos custos de produção.

Gráfico 15: Preços médios (R$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	38.720.710
SE	6.600.368
MG	6.260.777
BA	3.520.388
PR	1.360.522
RJ	1.273.335
RS	777.670
IMP	634.815
SC	212.181
AL	137.060
GO	96.000
PE	37.724
AC	19.500
ES	8.750
CE	6.600
PB	227
Soma	**59.666.627**

Microrregião	Quantidade Kg
Limeira-SP	9.109.566
Boquim-SE	6.346.833
Jaboticabal-SP	5.220.951
Alagoinhas-BA	3.285.235
Pirassununga-SP	3.050.412
Mogi Mirim-SP	3.013.221
São João da Boa Vista-SP	2.899.921
Jales-SP	2.711.558
Campinas-SP	2.286.500
Belo Horizonte-MG	1.977.643
Fernandópolis-SP	1.404.160
Catanduva-SP	1.287.779
Itapeva-SP	1.133.260
SÃO PAULO-SP	1.077.297
Varginha-MG	967.675
ARARAQUARA-SP	897.375
Rio de Janeiro-RJ	837.625
Andrelândia-MG	745.634
Paranavaí-PR	637.091
IMPORTADOS-IMPORTADOS	634.815

Fonte: Conab/Ceasas

A Conab, por exemplo, realizou leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro), em 11 e 12 de novembro de 2026, para conceder subsídio aos produtores rurais que venderem laranja in natura da safra 2026/2027 por valor abaixo do preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal para escoar. O orçamento disponibilizado para essas operações foi de R$ 19,8 milhões, conforme Portaria Interministerial nº 48, publicada em 28 de outubro de 2026.

Outro fator a dificultar a aquisição de suco no mercado internacional, além da menor demanda externa, é o aumento do estoque de suco de laranja em posse da CitrusBR, com aumento de 162% em relação ao registro em junho de 2025. Isso ocorreu por causa do aumento de 34% na produção de suco em relação à temporada passada. Com mais suco disponível para o mercado internacional e menor demanda europeia, os preços devem continuar baixos, com mais frutas disponíveis para os mercados de atacado e varejo. Assim, a fruta tenderá ainda a, por um bom tempo, apresentar preços baixos, com oscilações em sentido de alta se a qualidade melhorar.

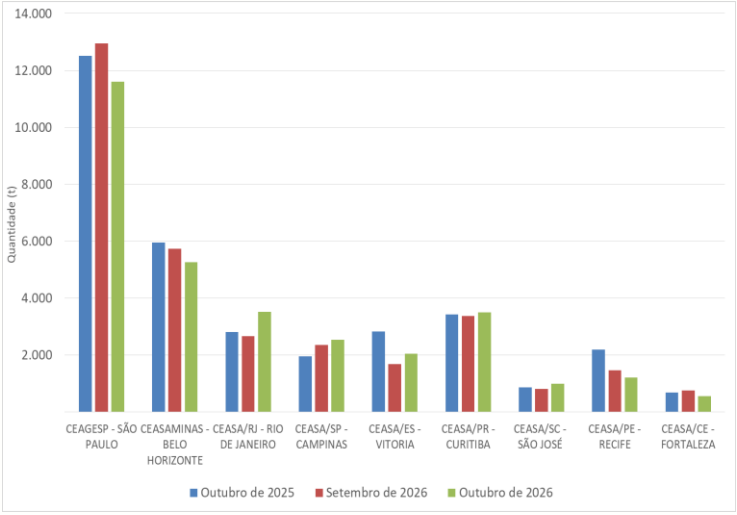
Quanto ao impacto do *El Ninõ* sobre a safra no cinturão citrícola, há o risco claro à qualidade da atual safra e da próxima, por conta da alteração da distribuição de chuvas e temperaturas, que dependerá da intensidade do evento (previsto para oscilar de forte a muito forte) e da localização das anomalias climáticas. As chuvas mais intensas que caíram em regiões do cinturão citrícola entre setembro e outubro já provocaram diminuição do grau de brix (açúcares na fruta) próximos dos mínimos exigidos para a produção de suco não concentrado e congelado.

MAÇÃ

No mês de outubro o mercado de maçã apresentou estabilidade na média ponderada dos preços, com pequenas oscilações entre as Ceasas; destaque para a alta na Ceasa/SC – São José (32,36%), Ceasa/PE – Recife (8,89%) e queda na Ceagesp – São Paulo (-3,48%). Quanto à oferta, ocorreu pequena queda da comercialização de 2% na média entre as Ceasas, com destaque para as quedas na Ceagesp – São Paulo (-10%), Ceasa/CE – Fortaleza (-25%) e Ceasa/PE – Recife (-18%), além de elevação na Ceasa/ES – Vitória (21%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (32%).

Em outubro, como era esperado, ocorreu a aceleração do consumo dos estoques das câmaras frias (maiores em relação às safras anteriores), com pequenos aumentos das cotações na maioria dos entrepostos atacadistas e queda da comercialização. No início do mês, os preços tenderam a cair por causa de dois fatores: nem todos os consumidores tinham recebido seus salários (menor poder aquisitivo) e fato de a demanda ser incapaz de absorver a oferta. Essa incapacidade derivou do fato de que a safra na temporada foi maior, tanto para as maçãs graúdas quanto miúdas, mas principalmente para as miúdas.

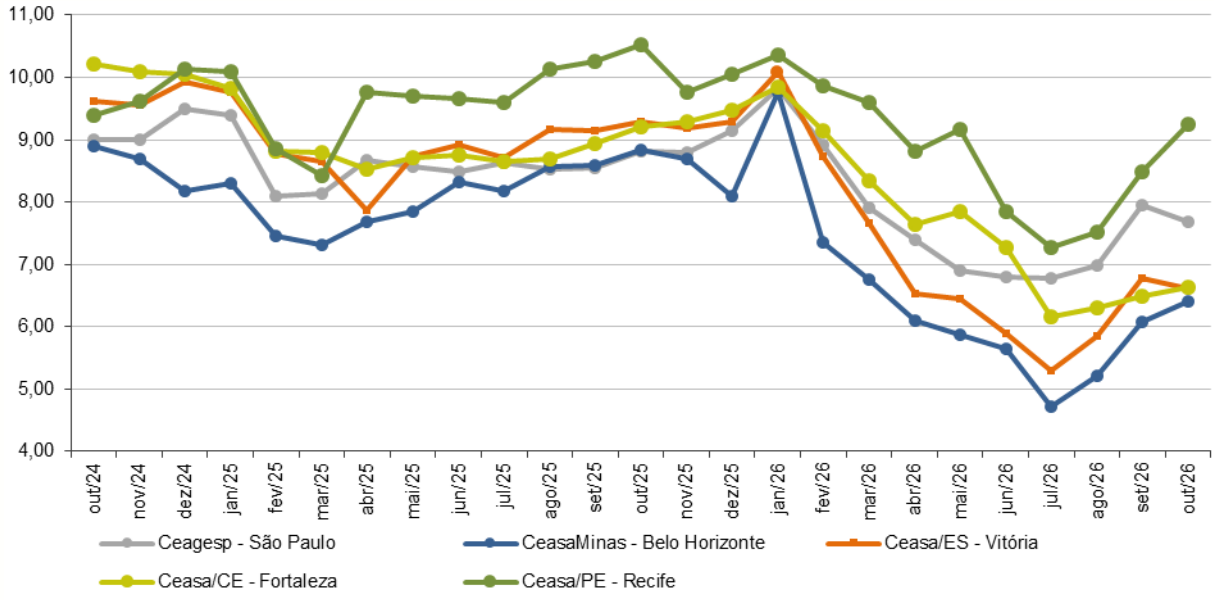
Gráfico 17 — Quantidade de maçã comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Como as maçãs maiores dessa safra apresentaram melhor qualidade, em maior número, as maçãs menores tiveram uma competição mais acirrada para o fornecimento no atacado e, portanto, apresentaram menores preços. Inclusive, visando maior distribuição das frutas, mesmo que a preços mais baixos, classificadores embalaram essas maçãs miúdas em packs de 1 quilograma. Além disso, a competição com outras frutas em alguns locais contribuiu para a manutenção dos preços mais baixos.

Gráfico 18 — Preços médios (R$/Kg) da maçã nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	15.580.092
RS	9.599.497
SP	3.512.107
IMPORTADOS	1.258.255
BA	560.769
RJ	275.760
PE	193.718
PR	175.073
MG	90.000
MS	7.256
PB	310
Soma	**31.252.837**

Microrregião	Quantidade Kg
CAMPOS DE LAGES-SC	7.663.011
Joaçaba-SC	7.588.352
Vacaria-RS	7.570.070
SÃO PAULO-SP	1.821.815
Caxias do Sul-RS	1.581.941
IMPORTADOS-IMPORTADOS	1.258.255
OSASCO-SP	649.088
Itapecerica da Serra-SP	593.802
JUAZEIRO-BA	559.461
Rio de Janeiro-RJ	275.760
Porto Alegre-RS	262.508
Campinas-SP	247.578
Jundiaí-SP	199.554
Florianópolis-SC	157.840
Suape-PE	137.760
POUSO ALEGRE-MG	90.000
SÃO MIGUEL DO OESTE-SC	80.251
Passo Fundo-RS	73.776
Francisco Beltrão-PR	73.761
Guaporé-RS	72.572

Fonte: Conab/Ceasas

Já na segunda e terceira quinzena, com o fornecimento controlado das companhias classificadoras, os preços se estabilizaram e até subiram em diversas Ceasas, impactando na média mensal, como no entreposto catarinense. No entanto, a demanda não foi aquecida ao ponto de pressionar os preços no sentido de grande alta. Para os próximos meses, outro fator que deve pressionar ainda mais as cotações de variedades de maçãs, principalmente aquelas pertencentes à categoria 1 (frutas maiores), serão as importações, que costumam ser caracterizadas por frutas de maior qualidade frente às maçãs gala e fuji brasileiras armazenadas há mais tempo.

Deve ser registrado que, em relação às origens das maçãs comercializadas pelas Ceasas, houve queda em relação à maçã catarinense (-1,1%) e gaúcha (-6,5%). Além disso, outras praças tiveram menores contribuições (em SP o fornecimento subiu 9,3%). Quanto à próxima safra, como o bom acúmulo de horas-frio registrado em regiões catarinenses e gaúchas foi satisfatório, há grande possibilidade de bom desenvolvimento das plantas.

O fenômeno *El Ninõ*, previsto para os próximos meses, será intenso. Tempestades, vendavais, granizo têm risco aumentado de ocorrência com o fenômeno, o que pode causar dano físico às macieiras. Mas há também outro problema: se houver muitos dias nublados e úmidos, isso prejudicará a polinização das árvores, feita por abelhas, que são insetos sensíveis às condições meteorológicas. Baixa atividade de abelhas significará menor produtividade dos pomares, o que afetará o volume da safra. Além disso, chuvas constantes podem implicar em maior podridão das frutas, comprometendo assim a qualidade da safra. Em outubro, as chuvas intensas já emitiram o sinal de alerta para os produtores.

MAMÃO

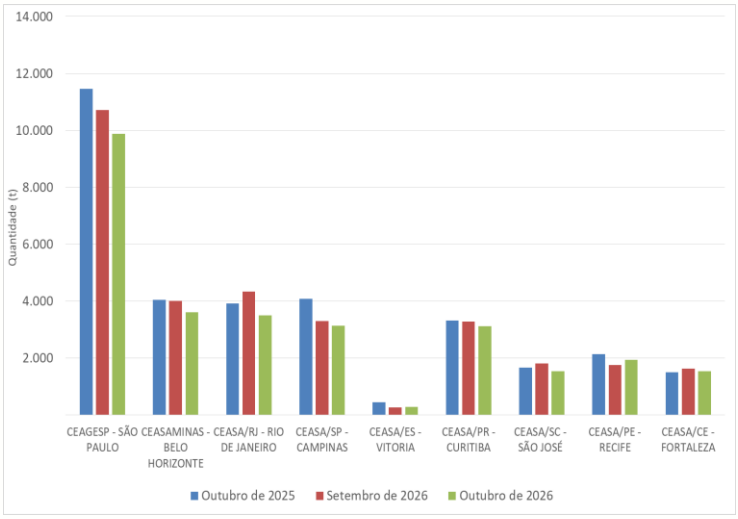
O mês de outubro apresentou grande elevação na média ponderada dos preços, em 20%, com destaque para a alta na Ceagesp – São Paulo (31,36%), Ceasa/ES – Vitória (41,21%) e Ceasa/SP – Campinas (43,35%). Já a quantidade comercializada apresentou queda de 8% por causa da influência das Ceasas do Sudeste no cálculo; destaque para os descensos na Ceasa/SC – São José (-15%), CeasaMinas – Belo Horizonte (-10%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-20%), além de alta na Ceasa/AC – Rio Branco (126%).

Em outubro as cotações subiram nos entrepostos atacadistas, com queda da oferta do mamão papaya nas Ceasas e manutenção da baixa colheita da variedade formosa, que permaneceu com oferta restrita. Essa dinâmica valeu tanto para as principais praças produtoras do norte capixaba e do sul baiano, quanto para regiões do oeste baiano (essa região, por sofrer com o forte calor e a falta de chuvas, apresentou o surgimento de ácaros nas frutas). A oferta potiguar, bastante voltada à exportação, aumentou em relação ao mês anterior, seguindo o calendário de produção local e a boa produtividade.

O mês de setembro registrou maior oferta da variedade papaya, causada pela aceleração do amadurecimento por causa do calor. Esse fator, conjuntamente à comercialização mais lenta (demanda estagnada) e à presença de chuvas que provocaram o aumento da incidência de doenças fúngicas (e a consequente queda da qualidade) pressionaram os preços no sentido de queda.

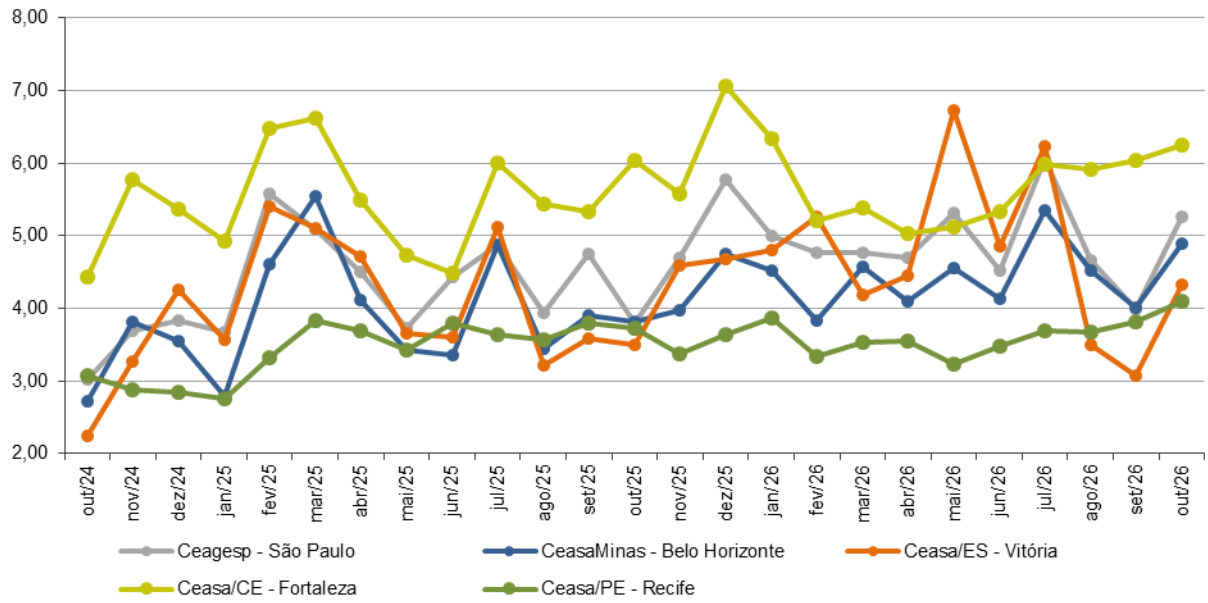
Já na virada do mês de setembro para outubro, a oferta começou a diminuir e os preços aumentaram. A menor oferta dessa variedade foi mantida baixa na média até o fim do mês de outubro (já que no norte capixaba, por alguns dias, esse fornecimento aumentou, provocando temporariamente a queda das cotações de alguns lotes.

Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 19 — Preços médios (R$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
BA	13.255.713
ES	8.380.173
MG	1.799.317
CE	1.621.193
RN	1.430.875
SP	1.360.312
PE	390.544
PB	222.473
GO	63.200
MS	23.300
PR	14.860
DF	10.170
AC	7.230
RO	700
Soma	**28.580.060**

Microrregião	Quantidade Kg
Porto Seguro-BA	10.323.190
Linhares-ES	4.489.167
Montanha-ES	2.241.167
Mossoró-RN	1.181.792
Pirapora-MG	915.384
Barreiras-BA	856.890
Bom Jesus da Lapa-BA	744.548
São Mateus-ES	712.060
Nova Venécia-ES	640.895
Baixo Jaguaribe-CE	640.353
Ilhéus-Itabuna-BA	469.620
Litoral de Aracati-CE	463.700
SÃO PAULO-SP	449.910
Santa Maria da Vitória-BA	449.340
Jales-SP	352.050
Fortaleza-CE	292.760
Vitória-ES	283.684
Montes Claros-MG	259.496
PETROLINA-PE	250.328
Paracatu-MG	242.925

Fonte: Conab/Ceasas

A dinâmica de mercado para a variedade formosa foi caracterizada também pela valorização na maior parte do mês nas principais regiões produtoras e esse repasse de preços aos entrepostos atacadistas, por causa da menor disponibilidade desses mamões e a boa qualidade daquelas frutas disponíveis, já que várias frutas exibiram características que não agradam os consumidores, fazendo assim que uma quantidade ainda menor estivesse disponível para a comercialização. Como os preços dessa variedade já estavam elevados, quando o último decêndio chegou, a demanda diminuiu tanto por causa da queda do poder aquisitivo dos consumidores quanto da rejeição aos já altos preços. Assim, parte da parca demanda por mamão formosa foi direcionada para a variedade papaya.

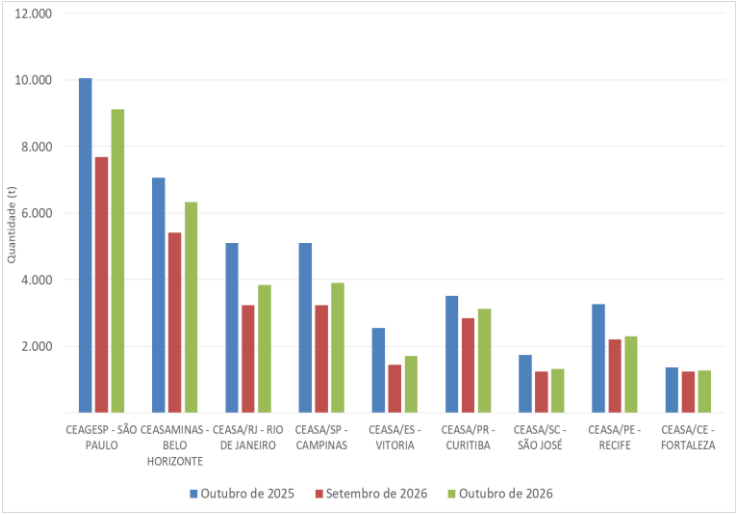
Quanto às principais regiões produtoras, ocorreu queda dos envios feitos pela Bahia (-5,5%), norte capixaba (-17,4%), Ceará (-8,93%) e São Paulo (-6,2%), além de alta na região potiguar (12,1%) e Minas Gerais (4,63%). Já em relação à primeira quinzena do mês de novembro, em meio a uma demanda estável, os preços subiram novamente para o mercado de mamão formosa na maior parte das Ceasas e também para o mamão papaya. Para ambas as variedades, a menor disponibilidade das frutas tem impactado na variação de preços em sentido de alta.

MELANCIA

O movimento na maior parte das Ceasas foi de queda de preços, com variação de -5,47% na média ponderada, mas com grande influência da variação negativa da Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-30%), Ceasa/CE – Fortaleza (21%) e Ceasa/PE – Recife (-20%), já que nas outras Ceasas as variações foram pequenas. Destaque também para a elevação na CeasaMinas – Belo Horizonte (3%) e Ceasa/SP – Campinas (3%). Já a oferta aumentou em todos os entrepostos analisados, com destaque para as elevações na Ceagesp – São Paulo (19%), Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (22%), Ceasa/SP – Campinas (20%) e Ceasa/AC – Rio Branco (54%).

A comercialização total da fruta nos mercados analisados aumentou em relação ao mês anterior, apesar da queda no principal centro fornecedor de frutas para as Ceasas no mês, a região de Ceres (GO), tendo Uruana como o principal município produtor. O fornecimento goiano às Ceasas caiu 33,2%, fruto da queda da produção, já passado o pico da safra na região. No entanto, essa queda foi compensada pela elevação da oferta em outras regiões: o estado tocantinense aumentou em 31,9% seus envios aos entrepostos atacadistas, mesmo com o fim da safra local. Também ocorreram altas nas praças pernambucanas (35,7%), baianas (450%), mineiras (277%) e paulistas (83%). Em novembro, o fornecimento às Ceasas ficará a cabo, principalmente, de Goiás, São Paulo e Bahia.

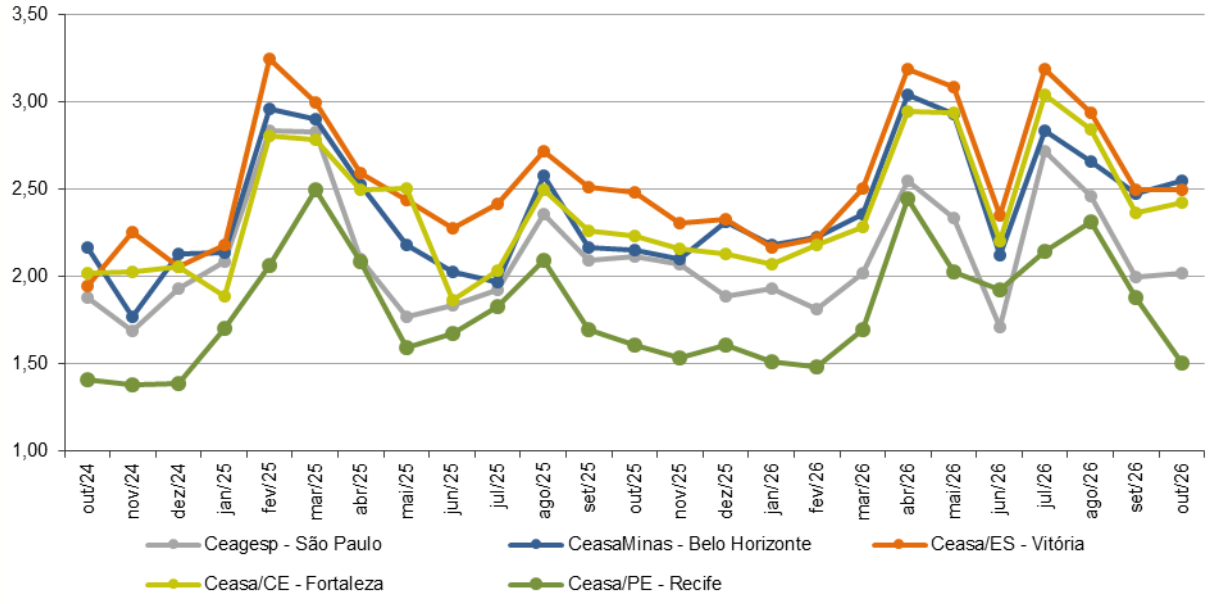
Gráfico 21 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre outubro de 2025, setembro de 2026 e outubro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Como dito acima, Goiás novamente concentrou o fornecimento nacional das frutas. No entanto, com queda do fornecimento às Ceasas em relação ao mês anterior, embora estivesse previsto o aumento da produção, fato não aconteceu por causa da maior incidência de chuvas em fins de setembro e início de outubro, que prejudicaram o desenvolvimento das frutas dessa região. Assim, mesmo que a produção tenha aumentado no segundo decêndio do mês, não foi suficiente para configurar um aumento da comercialização no atacado em relação ao mês anterior e ao mesmo período de 2025.

Gráfico 22 — Preços médios (R$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, em outubro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
GO	13.005.095
BA	7.657.281
PE	3.070.230
SP	2.555.591
MG	2.300.826
TO	1.569.490
RN	1.126.829
CE	1.057.480
MS	176.640
AC	148.750
MA	120.300
ES	85.220
RJ	48.000
SE	39.000
PA	36.000
PR	32.500
PB	29.000
AM	20.000
SC	15.000
DF	6.812
PI	3.080
IMP	200
Soma	**33.103.324**

Microrregião	Quantidade Kg
Ceres-GO	8.724.049
Porto Seguro-BA	4.127.070
Rio Vermelho-GO	3.858.889
Itaparica-PE	2.121.520
Curvelo-MG	1.158.500
Gurupi-TO	1.113.190
Mossoró-RN	1.065.606
JUAZEIRO-BA	862.400
Alagoinhas-BA	713.392
PETROLINA-PE	709.210
Januária-MG	691.134
Brumado-BA	627.420
Marília-SP	579.400
ARARAQUARA-SP	555.638
Baixo Jaguaribe-CE	474.480
Paulo Afonso-BA	419.500
Litoral de Camocim e Acaraú-CE	411.000
Presidente Prudente-SP	396.316
SÃO PAULO-SP	381.494
Goiânia-GO	261.917

Fonte: Conab/Ceasas

A queda da produção goiana foi mais do que compensada pelo aumento da produção em outros locais, especialmente nas regiões baianas e paulistas. Na região baiana de Porto Seguro, da qual faz parte Teixeira de Freitas. A colheita acelerou a partir da segunda quinzena de outubro, após chuvas na segunda quinzena de setembro terem retardado e até prejudicado algumas lavouras. A safra na Bahia no fim do ano é composta de duas partes: uma que se inicia em meados de novembro e outra, em janeiro. Entretanto, nesse ano, o plantio começou mais cedo pelo fato de que produtores viram uma janela de oportunidade, já que a produção goiana teve problemas. A tendência é que a produção da safrinha local seja satisfatória, mesmo havendo o risco de ocorrência de maior volume de chuvas no local por causa do fenômeno *El Ninõ*.

Já as regiões produtoras paulistas também iniciaram a colheita em outubro após setembro chuvoso, que atrapalhou o ciclo produtivo. Além disso, os gastos com fertilizantes foram maiores em diversas regiões do estado. Assim, a produção e a qualidade registradas foram inferiores ao mesmo período do ano anterior, o que poderá fazer com que as melancias residuais de Uruana e a safra baiana tenham um diferencial competitivo em relação a essa safra paulista. Nessa cultura, a escassez de água reduz o crescimento, pegamento e tamanho da fruta. Já o excesso provoca o aparecimento de doenças na casca. Com a diminuição das chuvas na primeira quinzena de novembro, deverá haver uma melhora na produtividade local.

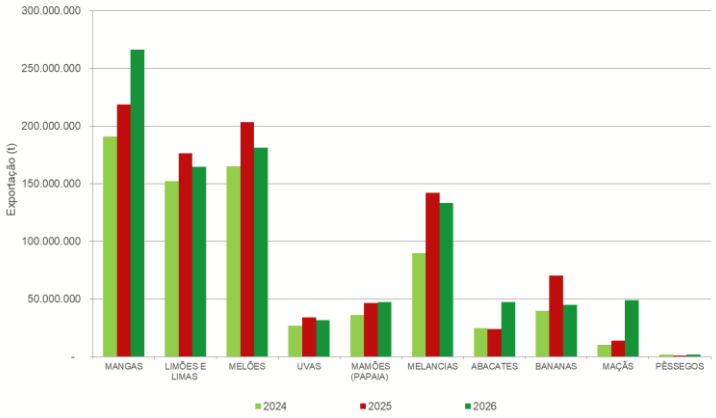
EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Nos primeiros dez meses de 2026, o volume total enviado ao exterior foi de 1,06 milhão de toneladas, alta de 4% em relação ao mesmo período de 2025 e de 30% em face do mesmo período de 2024, e o faturamento foi de U$S 1,38 bilhão (FOB), superior 14,8% em relação ao mesmo período de 2025 e 31,9% em relação ao mesmo período de 2024. As vendas externas subiram no acumulado até outubro principalmente nos mercados de manga (21,8%, especialmente do Vale do São Francisco-BA/PE), abacates (98,1%), mamões, pêssegos (108,7%) e para as maçãs (254,5% - com o aumento da produção da fruta na safra atual), além de cair para o mercado de bananas (-36,1%) e melancias (-6,3%).

Banana: Já no que tange às vendas externas houve queda das exportações nos primeiros dez meses do ano em relação ao mesmo período de 2025, no percentual de 36,1%. Em relação ao mês anterior, a elevação foi de 59,4% e no que diz respeito a outubro de 2025, a queda foi de 19,16%. Já em relação ao faturamento ocorreu queda de 31,35%. O crescimento das exportações em relação ao mês anterior teve relação com o calendário produtivo e as melhores condições de produção em Santa Catarina. A partir do fim do ano, se a perspectiva de maior produção de banana nanica se concretizar e os preços internos não estiverem elevados, as vendas para o exterior tenderão a aumentar.

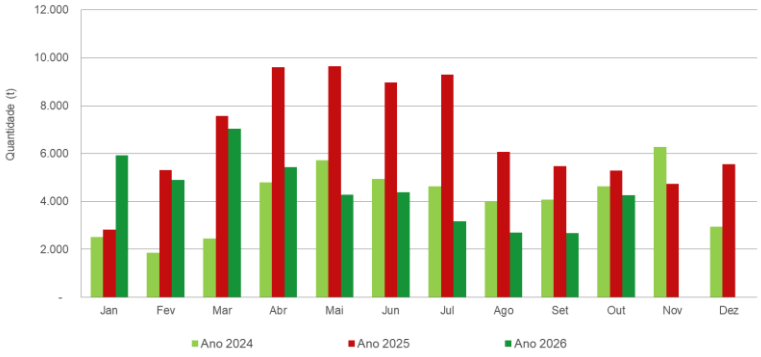
Laranja: Em relação às vendas externas nos primeiros dez meses do ano, as exportações de laranja in natura aumentaram 418,7% em relação ao mesmo período do ano anterior (registraram 1,93 mil toneladas), para um aumento de faturamento de 23,8%. O suco de laranja, mesmo com os problemas com a demanda europeia, apresentou recuperação do consumo em relação aos meses anteriores, mas ainda esteve em níveis menores em relação a safras passadas; esse resultado foi obtido em um contexto de baixos preços do suco no mercado internacional e de queda da produção brasileira. O volume comercializado caiu 7,82% em relação a outubro de 2025 e foi 28,4% menor em relação ao mês

Gráfico 23 — Principais frutas exportadas pelo Brasil no acumulado entre janeiro e setembro de 2024,2025 e 2026



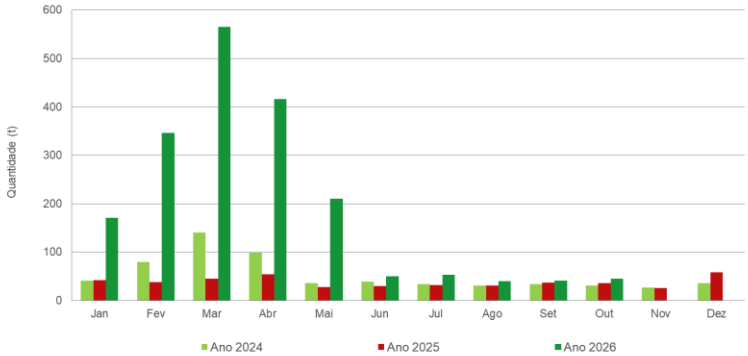
Fonte: Brasil (2026a)

Gráfico 24 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 25 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Fonte: BRASIL (2026b)

Conab

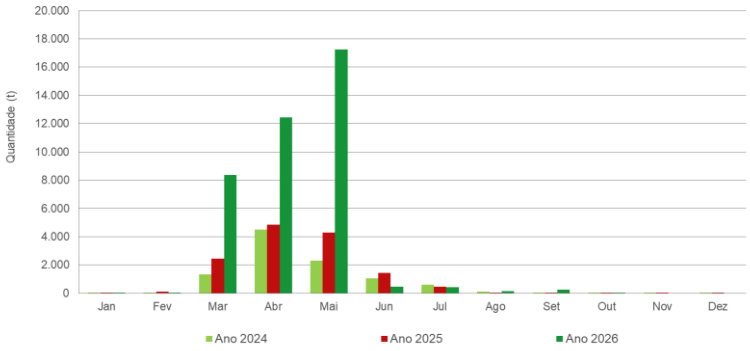
anterior, além de ter crescido 8% no acumulado anual até outubro. Como os preços pagos ao exportador foram baixos, o faturamento caiu. Já as importações de laranjas in natura comercializadas pelas Ceasas caíram 34%, originárias principalmente da Espanha e Egito.

Maçã: As vendas externas registradas nos primeiros dez meses do ano subiram, em relação ao mesmo período do ano anterior, em 254,5%. Foram 58,1% maiores em relação a outubro/2025 e inferiores 79,3% na comparação com o mês anterior, confirmando a maior produtividade da atual temporada, a boa produção e as boas vendas no ano. Já o faturamento foi 237,7% superior em relação ao mesmo período do ano passado. As exportações se concentraram nos países asiáticos (Índia, Bangladesh, Arábia Saudita) e Rússia. As importações das frutas comercializadas pelas Ceasas caíram 34,6%, mas tendem a aumentar nos próximos meses, comportando-se como um freio a maiores elevações de preços da maçã nacional.

Mamão: As vendas externas nos primeiros dez meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, subiram 2%; também foram 15,3% menores em face de outubro de 2025 e menores 1,53% em relação ao mês anterior; o aumento do faturamento foi de 6,72% de janeiro a outubro de 2026, o que possui relação direta com a qualidade da fruta. O mercado tende a se aquecer se a qualidade se mantiver, se superados entraves logísticos transitórios e superadas as dificuldades enfrentadas pelos exportadores para atender às exigências fitossanitárias, especialmente para a União Europeia, principal centro comprador da fruta.

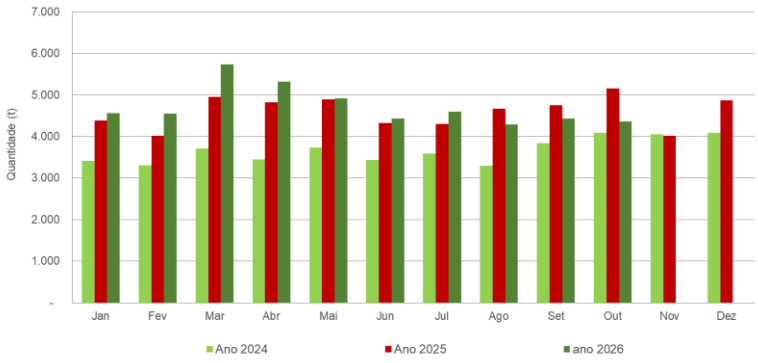
Melancia: As vendas externas nos primeiros dez meses do ano foram 6,31% menores em relação ao mesmo período do ano anterior e o faturamento subiu 9,67%. A comercialização foi 55,7% menor em face de outubro de 2025 e em relação ao mês passado, a alta foi de 3,37%. Dado o início da temporada exportadora, os números diminuíram por causa do aumento da competição no mercado internacional mas, dadas as boas condições de produção, notadamente para as minimelancias potiguares e cearenses enviadas à Europa, as perspectivas são animadoras, já que a competição internacional deve diminuir nos próximos meses (fim da safra na Espanha, principal fornecedora à União Europeia.

Gráfico 26 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



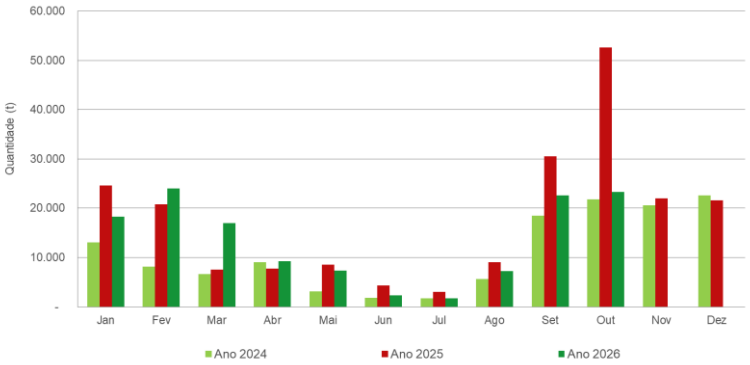
Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 27 — Quantidade de mamão exportado pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 28 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

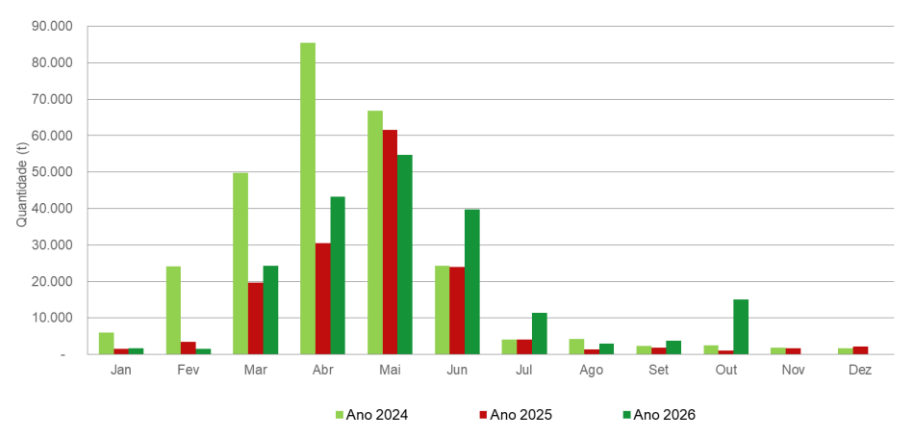
IMPORTAÇÃO DE CEBOLA

Em outubro, diferentemente do comportamento observado em anos anteriores, as importações de cebola registraram expressivo aumento em relação a setembro. O volume importado passou de 3.749 toneladas para 15.081 toneladas, o que representa crescimento de mais de 300% no período.

No acumulado do ano até outubro, volume importado foi superior em 33,1% ao observado no mesmo período de 2025. Vale destacar que, em 2025, os preços da cebola permaneceram em patamares relativamente baixos, reflexo de uma oferta suficiente para atender à demanda interna, o que reduziu a necessidade da entrada do produto estrangeiro. Diante dos preços do mercado interno as importações naquele mês não se mostravam viáveis.

Em 2026, entretanto, esse cenário mostra-se diferente. A alta das importações, particularmente em outubro, é atribuída aos preços em níveis elevados, fator que viabiliza a entrada do produto importado no mercado nacional.

Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Aumentar o consumo de frutas e hortaliças: desafios para uma agenda prioritária



Foto: Conab

Estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), abrangendo todas as unidades da Federação e contemplando uma série histórica de 16 anos (2008 a 2023), identificou um cenário preocupante em relação ao consumo de frutas e hortaliças no Brasil. Entre os principais resultados, destaca-se que apenas 22,5% da população adulta brasileira consegue atingir a recomendação mínima de consumo estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de 400 gramas diárias desses alimentos (Veiga et al.,2025).

Mais dados relevantes fazem parte da pesquisa, conforme a seguir:

- Apenas 21,4% a 22,5% dos adultos (nas capitais e no Distrito Federal) atingem a recomendação oficial da OMS de consumir pelo menos 400 gramas diários;
- O consumo recomendado deve ocorrer ao menos em cinco dias da semana, sob forma de cinco porções de 80g cada, sendo três porções de hortaliças e duas de frutas ao dia, promovendo a saúde e prevenindo doenças crônicas não transmissíveis (DCNT);
- Cerca de 34% a 34,6% da população consome esses alimentos de forma regular (em 5 ou mais dias da semana), porém, sem atingir a quantidade total ideal.

A instabilidade econômica dos últimos anos e os impactos da pandemia de COVID-19, alteraram hábitos alimentares e reduziram ainda mais o acesso a alimentos saudáveis. Em regra, tem-se que a questão do alto custo dos alimentos hortigranjeiros como o maior fator de limitação de consumo, afetando de forma mais contundente os consumidores de menor poder aquisitivo.

Pelo lado do poder financeiro da população e sob a ótica única da renda, entende-se que as áreas econômicas do Governo e dos demais agentes públicos e privados em interface direta com o tema, tem papel preponderante na condução das propostas para a solução. No entanto, analisar as questões que, mesmo dentro dos parâmetros econômicos que vigoram, possam endereçar propostas de melhoria nas condições de demanda e oferta de produtos hortigranjeiros e, em conjunto e consequência contribuir com o aumento de consumo, é a proposta desse artigo. Dentro dessas perspectivas, elencar os fatores limitantes para o baixo consumo de frutas e hortaliças por grande parte da população, além das barreiras econômicas, envolve analisar dimensões logísticas, culturais e do próprio ambiente alimentar.

Superar esses gargalos exige ações integradas que tornem esses alimentos mais baratos pontualmente, práticos e acessíveis para todas as faixas de renda. A seguir algumas dimensões de análise:

1. Barreiras Econômicas e de Preço

• Custo elevado em relação aos ultraprocessados: Alimentos in natura costumam pesar mais no orçamento familiar do que produtos industrializados baratos e calóricos. Reduzir tributos sobre itens básicos e direcionar subsídios agrícolas para a produção de alimentos frescos, ajudaria a equilibrar essa conta. Essa medida já se encontra parcialmente em implementação, em razão das disposições estabelecidas pela Reforma Tributária, instituída pela Emenda Constitucional nº 132/2023 e regulamentada pela Lei Complementar nº 214/2025, que prevê a aplicação de alíquota zero de IBS e CBS para a grande maioria dos produtos classificados como frutas e hortaliças, conforme os enquadramentos fiscais previstos na legislação..

• No entanto, os custos de produção são influenciados por uma ampla variedade de produtos e insumos, como fertilizantes, combustíveis, energia, entre outros, que integram cadeias produtivas nacionais e internacionais. Essas cadeias estão sujeitas a fatores que extrapolam o ambiente regulatório interno do País e são condicionadas por diferentes conjunturas, envolvendo aspectos geopolíticos, climáticos e as dinâmicas globais de oferta e demanda, entre outros elementos que determinam seus custos e padrões de oferta. Além disso, em razão da maior escala de produção dos alimentos processados, diferentemente do que ocorre com os produtos hortigranjeiros, esses custos podem ser diluídos ao longo do processo produtivo.

• Perdas na cadeia de produção: O desperdício durante a colheita, transporte e armazenamento encarecem o preço final ao consumidor. Investir em infraestrutura de refrigeração e embalagens adequadas reduzem essas perdas e barateiam os produtos, desde o ambiente atacadista, como e especialmente o das Ceasas, até às gôndolas dos mercados varejistas.

2. Logística e Ambiente Alimentar

• Desertos alimentares nas periferias: Bairros de menor renda frequentemente têm poucos sacolões, feiras livres ou mercados com oferta variada de frescos. Ampliar o número de feiras itinerantes, mercados municipais e hortas urbanas aproxima o alimento saudável de quem mora longe dos centros comerciais. Projetos da Conab e das Ceasas podem potencializar isso.

• Distância entre produtor e consumidor: Cadeias de suprimento muito longas envolvem vários atravessadores que inflam os preços. Fomentar circuitos curtos de comercialização, como a compra direta da agricultura familiar e programas de aquisição pública, reduzem os custos e aumentam a qualidade

3. Praticidade e Tempo de Preparo

• Falta de tempo para higienizar e cozinhar: A rotina corrida e o longo tempo de deslocamento urbano desestimulam o preparo de refeições. Ofertar vegetais minimamente processados (já lavados, descascados e picados) a preços populares facilita o consumo rápido sem perda nutricional.

• Alta perecibilidade: Frutas e verduras estragam rápido, gerando receio de perda financeira nas famílias com orçamento apertado. Orientar sobre técnicas simples de conservação e congelamento ajuda a aproveitar melhor as compras da semana.

4. Educação Alimentar e Publicidade

• Forte apelo comercial dos ultraprocessados: A publicidade massiva de bebidas açucaradas e salgadinhos molda o paladar desde a infância, especialmente em públicos mais vulneráveis. Regular a propaganda infantil e promover campanhas públicas de valorização da comida de verdade reequilibram as escolhas de consumo.

• Desconhecimento sobre sazonalidade: Comprar alimentos fora de época eleva muito o gasto no supermercado. Divulgar calendários de safra e receitas regionais simples ensina a aproveitar os itens mais baratos e nutritivos de cada estação.

Ações para aumentar o consumo de frutas e hortaliças

Educação alimentar e campanhas: promover iniciativas de conscientização (como campanhas coordenadas entre varejo, profissionais de saúde e produtores) para tornar as hortaliças mais atrativas, e consequentemente aumentar o consumo.

Acessibilidade de preço e redução de perdas: reduzir as perdas pós-colheita e os custos da cadeia logística, de modo a possibilitar que os alimentos cheguem ao consumidor a preços mais acessíveis.

Inclusão na rotina escolar e nas cozinhas solidárias: fortalecer a oferta de frutas e hortaliças na alimentação escolar e nos programas sociais de alimentação, ampliando iniciativas que já têm apresentado resultados positivos e contribuindo para o aumento do consumo desses alimentos.

Como as Ceasas e a Conab podem ajudar?

- **Centrais de Abastecimento (Ceasas):**
  - Logística e escoamento: funcionam como o coração da distribuição de hortifrúti no país, conectando diretamente os pequenos e médios agricultores familiares aos grandes centros urbanos. Em 2025, as Centrais de Abastecimento (Ceasas) movimentaram 16,6 milhões de toneladas de hortigranjeiros, totalizando cerca de R$ 68,7 bilhões comercializados, segundo dados de Comercialização Total da Conab (Siscom).
  - Bancos de Alimentos / CEASA Desperdício Zero: captam excedentes de produtos que estão próprios para o consumo, mas perderiam valor comercial, redirecionando toneladas de alimentos para entidades assistenciais e reduzindo o desperdício.
  - Transparência e dados: fornecem os dados diários de cotação que alimentam o Portal Conab/Prohort,(https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/hortigranjeiros-prohort), ajudando a estabilizar os preços regionais.
- **Companhia Nacional de Abastecimento (Conab):**
  - Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort): coleta, analisa e divulga dados oficiais de preços, volumes, safras e origens de centenas de frutas e hortaliças, trazendo transparência ao mercado.(https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/hortigranjeiros-prohort).
  - Programas de Aquisição de Alimentos (PAA): Compra direta da agricultura familiar para abastecer redes socioassistenciais, cozinhas solidárias e bancos de alimentos, garantindo renda ao produtor e comida saudável a quem mais precisa.
  - Garantia do pagamento aos produtores do preço mínimo, que cubra seus custos de produção.



Foto: Ceasa-Go

Referências

BRASIL. MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA**. Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro.** Disponível em: https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html. Acesso em: 15 nov. 2026a.

BRASIL. MDIC - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Comex Stat.** Disponível em: http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 15 nov. 2026b.

VEIGA, Izabella Paula Araújo; CALDEIRA, Thais Cristina Marquezine; SOARES, Marcela Mello; SOUSA, Taciana Maia de; SILVA, Luiza Eunice Sá da; CLARO, Rafael Moreira. Fruit and vegetable consumption among Brazilian adults: trends from 2008 to 2023. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/MMsmyg4d6dDMcLs8Zt49p9w/. Acesso em: 25 nov. 2026.

ISBN 977-244658604-2

APOIO

REALIZAÇÃO

Conab

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO E AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO DO BRASIL

DO LADO DO POVO BRASILEIRO